



Departamento de Ciências e Tecnologias da Informação

**Sempre Alerta para Servir:
A importância das tecnologias na dinâmica do escutismo**

Ângela Patrícia Henriques de Freixo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Gestão de Sistemas de Informação

Orientador(a):

Doutor Abílio Oliveira, Professor Auxiliar

ISCTE-IUL

Setembro, 2018

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao Celestino e à Noémia que me deram a melhor educação que podiam e sabiam, e que acima de tudo promoveram as condições necessárias para eu fazer o meu caminho com responsabilidade e em segurança.

Nuno, aquele que é o companheiro de quase metade da minha vida, que sempre me motivou e apoiou numa grande parte das aventuras que abracei, que acreditou em mim (até quando eu já não acreditava), sou infinitamente grata.

Ao Dinis, que sem saber foi a ignição de todo este trabalho, que nasceu para dar um sentido extraordinário à minha vida e a mudou completamente.

Agradeço ao professor Abílio Oliveira que esteve sempre disponível, que me orientou quando eu me sentia perdida e que foi um apoio fantástico.

Aos amigos que se interessaram, que se preocuparam, que ajudaram, que acreditaram, cada um a sua maneira, e que não precisam ser identificados pelos nomes, uma vez que já o reconheci a cada um deles.

A BP, ao CNE e aos meus irmãos escuteiros que me acompanharam por toda a minha vida escutista e contribuíram para a pessoa em que me tornei.

Um agradecimento muito especial ao agrupamento 342 de Vialonga, em especial aos dirigentes que estiveram e estão sempre disponíveis para ajudar neste desafio a que me propus.

À Junta Central e Regional que tiveram a atenção de divulgar o questionário contribuindo para um generoso nível de respostas.

E por fim, à bela maneira escutista...

Bravo, bravo, bravíssimo

Bravo, bravo, bravíssimo

Bravo, bravíssimo

Bravo, bravíssimo

Bravo, bravo, bravíssimo

Resumo

Numa era em que a tecnologia está tão presente na vida das pessoas, o movimento escutista não é exceção. Ainda que o método escutista possa não fomentar a utilização frequente da tecnologia, os destinatários do método, crianças e jovens, são hoje nativos digitais que convivem diariamente com as TIC e *social media*. Deste modo, importa perceber qual o papel das tecnologias na dinâmica do escutismo em dois níveis: na aproximação dos jovens ao método escutista e na sua utilização para rentabilizar o tempo disponível para a preparação e realização das actividades.

Para tal, a investigação levada a cabo, composta por duas fases, exploratória e inferencial, permitiu a recolha de dados, com recurso à aplicação de um questionário, a 264 participantes. Os dados recolhidos permitiram concluir que se reconhece a importância e utilização das TIC e *social media*, contudo não são o meio preferencial para por em prática as actividades e transmitir a informação, nomeadamente ao nível do sistema de progresso.

A utilização das TIC e *social media* por parte do movimento escutista, poderá facilitar a aplicação do método escutista, sem descuidar a sua essência, não se trata de substituir as actividades escutistas por tecnologia, mas utilizar a tecnologia em prol das actividades que são essenciais ao desenvolvimento dos jovens, que são os adultos do futuro. Trata-se de melhorar as condições em que estamos “Alerta”, para Servir melhor.

Palavras-chave: Tecnologias da informação e comunicação; *Social media*; Escutismo; Voluntariado

Abstract

In an age where technology is so present in people's lives, the scout movement is no exception. Although the scout method may not encourage frequent use of technology, the method's target, children and young people, are today digital natives that coexist daily with ICT and social media. In this way, it is important to understand the role of technologies in the dynamics of scouting at two levels: the approach of young people to the scout method and its use to monetize the time available to prepare and make the activities.

To do so, the investigation, which consisted of two phases, exploratory and inferential, allowed the data collection, through a questionnaire, with 264 participants. The data collected allowed to conclude that the importance and use of ICTs and social media are recognized, but they are not the preferred means of putting the activities into practice and transmitting information, especially at the level of the progress system.

The use of ICT and social media by the scout movement, may facilitate the application of the scout method, without neglecting its essence, it is not a matter of replacing the scouts activities by technology, but using technology in favor of the activities that are essential to the young people, who are the adults of the future. It is about improving the conditions in which we are “alert” to better serve.

Keywords: Information and communication technologies; Social media; Scouting; Volunteering

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	III
Índice de Figuras	IX
Lista de Abreviaturas e Siglas	X
Capítulo 1 – Introdução	1
1.1. Enquadramento do tema	1
1.2. Motivação e relevância do tema.....	2
1.3. Questões e objetivos de investigação.....	2
1.4. Abordagem metodológica	3
1.5. Estrutura e organização da dissertação	4
Capítulo 2 – Revisão de Literatura	5
2.1. Escutismo e trabalho voluntário.....	5
2.1.1. Escutismo: organização e funcionamento do CNE.....	5
2.1.2. Voluntariado: Definições e modelos motivacionais	8
2.2.3. Voluntariado e escutismo em Portugal	12
2.2. TIC e <i>Social media</i>	14
2.2.1. Conceito de TIC e <i>Social media</i>	14
2.2.2. Impacto socio-económico das TIC e <i>Social media</i>	16
2.2.3. Importância da aquisição de competências em TIC	18
2.2.4. Importância das TIC na comunicação e cooperação.....	21
2.3. As tecnologias TIC e <i>Social media</i> no quotidiano das crianças e jovens	22
2.3.1. Nos tempos livres.....	22
2.3.2. Na Aprendizagem	24
Capítulo 3 - Introdução à investigação	26
3.1. Apresentação da investigação	26

3.2. Fase exploratória.....	27
3.2.1. Objectivos	27
3.2.2. Inquérito por questionário	27
3.2.3. Método	29
3.2.3.1. Amostra/População	29
3.2.3.2. Inquérito – Guião e Procedimento	29
3.2.3.3. Técnica de análise de dados	30
3.2.3.4. Resultados	31
3.3. Fase Inferencial.....	38
3.3.1. Objectivos	38
3.3.2. Método	38
3.3.2.1. Amostra/população	38
3.3.2.2. Variáveis	40
3.3.2.3. Questionário e procedimento	40
3.3.2.4. Técnicas de análise de dados	41
3.3.3. Resultados.....	41
3.3.3.1. Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo.	41
3.3.3.2. Identificar quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento das actividades.....	44
3.3.3.3 Identificar quais as vantagens e desvantagens da utilização das TIC na dinamização do sistema de progresso	46
3.3.3.4. Identificar quais as TIC mais usadas para a organização e desenvolvimento das actividades.....	49
3.3.3.5. Verificar a importância das TIC e social media no apoio às actividades escutistas	50
3.3.3.6. Verificar eventuais diferenças entre as perceções relativamente à motivação para o voluntariado mediante o número de anos no CNE, e entre dirigentes e candidatos a dirigentes....	51
3.3.3.7. Correlações entre as dimensões da motivação para o voluntariado e as dimensões dificuldades técnicas e dificuldades pessoais.....	53
3.3.4. Discussão	54
Capítulo 4 - Conclusões	58
Bibliografia	61
Apêndices.....	70
Apêndice 1 – Questionário Aberto.....	70
Apêndice 2 – Questionário	73

Apêndice 3 – Análise Descritiva/ Razões e motivações para ser voluntário no escutismo	86
Apêndice 4 – ACP Inicial/ Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo	87
Apêndice 5 – ACP Inicial/ Dificuldades na dinamização das actividades.....	91
Apêndice 6 – Estatística descritiva/ Dificuldades na dinamização das actividades	92
Apêndice 7 – Estatística descritiva/ Contributo da TIC para o desenvolvimento do Sistema de progresso	93
Apêndice 8 - Análise descritiva – Meios (digitais ou não) utilizados para dar a conhecer o Sistema de progresso aos jovens	94
Apêndice 9 – ACP Inicial/ Meios (tecnológicos ou não) utilizados pelos jovens nas actividades	95

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Seis áreas de desenvolvimento e seus objectivos gerais.....	6
Tabela 2 - Área Temática: Principais meios de comunicação utilizados e respectivos temas e categorias	31
Tabela 3 - Área Temática: Ferramentas utilizadas para o registo do sistema de progresso e respectivos temas e categorias	32
Tabela 4 - Área Temática: Ferramentas mais utilizada para divulgação do sistema de progresso e respectivos temas e categorias	32
Tabela 5 - Área Temática: principais limitações/dificuldades na aplicação do sistema de progresso e respectivos temas e categorias.....	33
Tabela 6 - Área Temática: Contribuição das TIC para atenuar as dificuldades/limitações na aplicação do sistema de progresso e respectivos temas e categorias	34
Tabela 7 - Área temática: Informação relevante num sistema de informação com vista a facilitar e dinamizar a gestão do sistema de progresso e respectivos temas e categorias	35
Tabela 8 - Área Temática: Funcionalidades relevantes num sistema de informação na óptica do elemento e respectivos temas e categorias.....	36
Tabela 9 - Área Temática: Funcionalidades relevantes num sistema de informação na óptica do dirigente e respectivos temas e categorias	37
Tabela 10 – ACP Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo.....	43
Tabela 11 – ACP Principais dificuldades na dinamização de actividades.....	45
Tabela 12 – Contributo das TIC no sistema de progresso	46
Tabela 13 – ACP Meios utilizados para dar a conhecer o sistema de progresso.....	47
Tabela 14 – ACP Meios digitais utilizados pelos jovens.....	48
Tabela 15 - Análise descritiva - Ferramentas utilizadas para divulgar as actividades Vs Ferramentas utilizadas para comunicar entre dirigentes	50
Tabela 16 - Análise descritiva – Meios tecnológicos utilizados nas actividades	51

Tabela 17 - Análise descritiva – Percentagem de inquiridos que referem utilizar bastante ou muito os meios tecnológicos em actividades	51
Tabela 18 – Motivação para o voluntariado com base no número de anos no CNE	52
Tabela 19 - Motivação para o voluntariado com base na situação no CNE	52
Tabela 20 - Correlações entre as dimensões da motivação para o voluntariado e as dimensões dificuldades técnicas e dificuldades pessoais	54
Tabela 21 – Motivações para ser voluntário no escutismo	86
Tabela 22 – ACP inicial – Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo ...	87
Tabela 23 – ACP Inicial - Principais dificuldades na dinamização de actividades	91
Tabela 24 – Estatística descritiva/ Dificuldades na dinamização das actividades.....	92
Tabela 25 – Estatística descritiva/ Contributo das TIC para desenvolvimento do Sistema de Progresso.....	93
Tabela 26 – Análise descritiva – Meios (digitais ou não) utilizados para dar a conhecer o Sistema de progresso aos jovens.....	94
Tabela 27 – ACP Inicial/ Meios (tecnológicos ou não) utilizados pelos jovens nas actividades .	95

Índice de Figuras

Figura 1 – Idade dos Participantes	Erro! Marcador não definido.
Figura 2 – Situação no CNE	39
Figura 3– Número de anos no CNE.....	40
Figura 4 – Ferramentas utilizadas na preparação das actividades	50

Lista de Abreviaturas e Siglas

AEP – Associação de Escoteiros de Portugal

AGP – Associação de Guias de Portugal

AGEEP - Associação de Guias e Escuteiros da Europa-Portugal

BP – Baden-Powell (trata-se de um nome pessoal, contudo é a forma como é conhecido e tratado)

CNE – Corpo Nacional de Escutas

DL – Decreto de Lei

INE – Instituto Nacional de Estatística

ILO – International Labour Organization

TIC – Tecnologias de informação e comunicação

WOSM – World Organization of the Scout Movement

Capítulo 1 – Introdução

1.1. Enquadramento do tema

O presente tema surge da vivência da autora no Corpo Nacional de Escutas (CNE), que após a conclusão do seu percurso no movimento, decidiu abraçar o projecto educativo e tornar-se um recurso adulto ao serviço do movimento e da educação informal das crianças e jovens.

O escutismo é uma organização sem fins lucrativos, de educação não-formal, cuja missão é contribuir para o crescimento dos jovens, tendo por base um sistema de valores que visa a construção de um mundo melhor, onde o indivíduo se sente realizado e desempenha um papel activo na sociedade (WOSM, 2011).

Robert Stephenson Smith Baden-Powel (BP), fundador do escutismo, acreditava na auto-progressão e procurava ajudar os jovens a perceber que tinham em si tudo o que precisam para fazer a diferença, não só nas suas vidas, mas também em prol do mundo em que viviam (WOSM, 1998).

Para cumprir a missão a que se propôs, desenvolveu um método baseado em sete elementos igualmente importantes, conhecidos pelas sete maravilhas do método: Lei e Promessa, vida na natureza, mística e simbologia, aprender fazendo, sistema de patrulhas, relação educativa e sistema de progresso.

O sistema de progresso individual, que é um tema central, no presente trabalho, funciona como uma ferramenta de suporte à auto-progressão baseada em seis áreas de desenvolvimento: física, afectiva, carácter, espiritual, intelectual e social (CNE, 2017).

Nesse sentido, e com os conhecimentos adquiridos ao longo da pós-graduação que precedeu ao presente Mestrado, decidiu-se verificar em que medida as tecnologias de informação e do conhecimento (TIC) e os *social media* são utilizados pelos escuteiros e como podem ser utilizados de forma a potenciar o desenvolvimento das crianças e jovens, com vista à sua maior autonomia e, conseqüente envolvimento futuro na sua comunidade de forma produtiva e sustentável.

1.2. Motivação e relevância do tema

O corpo nacional de escutas (CNE) – escutismo católico português é uma associação que promove a aprendizagem e crescimento através do jogo (aprender brincando), do contacto com a natureza, da vivência em grupo, e como tal exige tempo e disponibilidade.

Ao longo do tempo, o escutismo tende a acompanhar a evolução da sociedade considerando um mundo cada vez mais exigente e mais competitivo. E ainda que seja um movimento direccionado à vivência em comunhão com a natureza (WOSM, 1998), onde a utilização de meios tecnológicos nem sempre é aceite, pretende-se com a presente dissertação verificar o espaço que as TIC ocupam no escutismo, e como podem melhorar o desenvolvimento do método escutista, respeitando os fundamentos preconizados por Baden-Powel (BP).

A realização das actividades escutistas, da responsabilidade de adultos voluntários ao serviço do movimento, é suportada por muitas horas de trabalho (Quaresma, 2015), de modo que a utilização de TIC como apoio nas várias fases que compõem as actividades poderá ser uma mais valia, na medida em que facilitam uma série de tarefas.

Neste sentido, considerou-se a necessidade de verificar quais as ferramentas mais utilizadas e a sua relevância no dia-a-dia do escuteiro.

1.3. Questões e objetivos de investigação

As actividades escutistas são desenvolvidas por adultos voluntários que, ao serviço do movimento, disponibilizam o seu tempo livre para proporcionar um espaço de desenvolvimento privilegiado às crianças e jovens. Importa então rentabilizar ao máximo o tempo fazendo uso das ferramentas que existem ao dispor para facilitar a vida dos voluntários. Quanto menos tempo a preparar as actividades, mais tempo existe para a realização das mesmas. E numa era de grandes avanços tecnológicos justifica-se a pergunta:

Até que ponto poderão as tecnologias de informação e comunicação (TIC) contribuir para o desenvolvimento do método escutista?

Partindo desta grande questão de investigação e, na sequência da mesma, podemos igualmente perguntar: Estarão as TIC e social media a desempenhar um papel relevante na dinâmica do escutismo? Facilitarão a comunicação, a realização das actividades e a aplicação do sistema de progresso?

Nesta sequência, surgiram os seguintes objectivos gerais:

- Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo;
- Identificar quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento das actividades;
- Identificar quais as vantagens e desvantagens da utilização das TIC na dinamização do sistema de progresso;
- Identificar quais as TIC mais usadas para a organização e desenvolvimento das actividades;
- Verificar a importância das TIC e social media no apoio às actividades escutistas;
- Verificar eventuais diferenças entre as percepções relativamente à motivação para o voluntariado mediante o número de anos no CNE, e entre dirigentes e candidatos a dirigentes.

Neste sentido, a função da investigação visa evidenciar o eventual potencial das TIC no desenvolvimento do método escutista, agilizando o trabalho dos dirigentes e promovendo maior envolvimento dos jovens.

Deste modo, indirectamente, esperamos poder contribuir para a melhoria do dia-a-dia de uma organização que visa a formação de cidadãos disponíveis para melhor servir a comunidade e a sociedade em que vivemos.

1.4. Abordagem metodológica

A investigação é composta por duas fases: a exploratória e a inferencial. Na primeira fase, através de uma conversa informal com cinco dirigentes do CNE no agrupamento 342 de Vialonga, conseguimos verificar quais os grandes conceitos que emergem na temática abordada e, de acordo com os mesmos, elaborámos um guião com oito questões abertas e uma questão fechada – com a participação de 17 dirigentes e candidatos a dirigentes do mesmo agrupamento. Na segunda fase da investigação, desenvolvemos um questionário que engloba uma série de questões fechadas, constituídas, na sua maioria, pelos indicadores que emergiram na fase exploratória; este questionário foi aplicado na fase inferencial, tendo tido a participação de 264 pessoas, dirigentes e candidatos a dirigentes de agrupamentos de várias regiões do país.

1.5. Estrutura e organização da dissertação

A presente investigação está organizada em quatro capítulos que se traduzem nas diferentes fases desde o seu início à sua conclusão.

O primeiro capítulo faz a introdução ao tema de investigação e sua motivação, dando a visão dos objectivos que se pretendem alcançar assim como a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo designado por Revisão da literatura pretende enquadrar o leitor sobre a temática que se está a abordar, com recurso ao trabalho desenvolvido por outros autores nesta área.

O terceiro capítulo é composto pela investigação e é composto por duas fases: a fase exploratória que visa obter dados e indicadores que serão trabalhados na fase inferencial; e pela fase inferencial onde foi feita a recolha, tratamento de dados e discussão dos resultados.

Finalmente, são apresentadas as conclusões da investigação e possíveis questões a abordar em trabalhos futuros.

Capítulo 2 – Revisão de Literatura

2.1. Escutismo e trabalho voluntário

2.1.1. Escutismo: organização e funcionamento do CNE

O escutismo foi fundado por Robert Stephenson Smith Baden-Powell, que desde cedo demonstrou interesse pelas actividades ao ar livre, tendo pautado todo o seu percurso com a primazia pela natureza (Courtney, 1990).

Após a sua passagem pelo exército, onde foram várias as campanhas em que se destacou como um óptimo explorador, e onde ganhou experiência que mais tarde utilizou para a construção do método escutista, criou o movimento escutista (Granja, 2007).

Para testar o seu método, realizou o 1º acampamento em 1907, na Ilha de Brownsea no Reino Unido, levando consigo 22 jovens a quem proporcionou diversas actividades, sendo a data considerada para o nascimento do escutismo (The Scout Association of UK, 2017).

A finalidade do escutismo é “contribuir para o desenvolvimento de crianças e jovens , ajudando-os a realizarem-se plenamente no que respeita às suas possibilidades físicas, intelectuais sociais e espirituais a crescerem como pessoas, como cidadãos responsáveis e ainda como membros das comunidades locais, nacionais e internacionais” (WOSM, 1983 p. 2).

Para atingir a sua finalidade, o movimento tem por base o método escutista delineado por BP que visa a auto-educação progressiva baseada em sete elementos igualmente relevantes: a lei e promessa que constituem a base do escutismo, agregando os valores preconizados pelo fundador, mística e simbologia, aprender fazendo, o sistema de patrulhas, o sistema de progresso, a vida na natureza e a relação educativa (Corpo Nacional de Escutas [CNE], 2010b).

É através do sistema de progresso individual que as crianças e jovens se tornam agentes do seu próprio desenvolvimento, de forma progressivamente independente, solidária, responsável e comprometida. O sistema prevê que através da sua vivência, quer seja através de actividades escutistas ou no seu dia-a-dia em casa e na escola, desenvolver competências nas seguintes áreas: afectiva, física, carácter, espiritual, intelectual e social.

O desenvolvimento destas áreas está sempre presente ao longo da vida escutista do jovem, que determina quais os objectivos específicos que pretende atingir em cada área, e em cada fase da sua vida (secção em que se encontra) (CNE, 2010).

Tabela 1: Seis áreas de desenvolvimento e seus objectivos gerais

Área de desenvolvimento	Trilho	Os objectivos de cada trilho relacionam-se com
Afectivo	Relacionamento e sensibilidade	Auto-expressão; intereducação; valorização dos laços familiares; opção de vida; sentido do belo e do estético
	Equilíbrio emocional	Saber lidar com as emoções “controlar/expressar”; manter um estado interior de liberdade; maturidade
	Auto- Estima	Conhecer-se; aceitar-se; valorizar-se
Carácter	Autonomia	Tornar-se independente; capacidade de optar; construir o seu quadro de referências
	Responsabilidade	Ser consequente; perseverança e empenho; levar a bom termo um projecto assumido
	Coerência	Viver de acordo com o seu sistema de valores; defender as suas ideias
Espiritual	Descoberta	Disponibilidade interior; interiorização progressiva; busca do transcendente no específico cristão
	Aprofundamento	Dar testemunho pelos actos do dia-a-dia; viver em comunidade; estar aberto ao diálogo inter-religioso
	Serviço	Integração e participação activa na igreja; participar na construção de um mundo novo; evangelização
Físico	Desempenho	Rentabilizar e desenvolver as suas capacidades; destreza física; conhecer os seus limites
	Auto-conhecimento	Conhecimento e aceitação do seu corpo e do seu processo de maturação
	Bem-estar físico	Manutenção e promoção; exercício; higiene; nutrição; evitar comportamentos de risco
Intelectual	Procura do conhecimento	Desejo de saber; procura e selecção de informação; iniciativa; auto-informação
	Resolução de problemas	Capacidade de análise e síntese; utilização de novas técnicas e métodos; selecção de estratégias de resolução; análise crítica da solução encontrada; capacidade de adaptação a novas situações
	Criatividade e Expressão	Apresentação lógica de ideias; criatividade; discurso adequado
Social	Exercer activamente cidadania	Direitos e deveres; tolerância social; intervenção social
	Solidariedade e tolerância	Serviço; interajuda; tolerância
	Interacção e cooperação	Assertividade; espírito de equipa; assumir o seu papel nos grupos de pertença

Fonte: (Programa educativo CNE, 2010)

Cada associação de escuteiros tem a sua organização e forma de funcionamento, tendo por base o regulamento da organização mundial do movimento escutista.

O presente trabalho terá como alvo de investigação o CNE o que fundamenta o facto de se explicar de forma sucinta a organização desta associação, assim como o seu funcionamento.

O CNE é composto por vários agrupamentos locais, que normalmente estão inseridos numa paroquia. Cada agrupamento é composto pelos diferentes grupos etários em que se repartem os jovens associados.

O agrupamento é liderado por um chefe de agrupamento, que é eleito pelo conselho de agrupamento (órgão deliberativo) e cria uma equipa executiva que é a direcção do agrupamento.

Cada agrupamento é parte integrante de uma região escutista, que por eleição possui uma equipa de coordenação (Junta regional), uma equipa de acompanhamento (conselho fiscal e jurisdicional) e um órgão deliberativo (conselho regional). Algumas regiões devido à sua dimensão possuem uma estrutura intermédia denominada de Núcleo com funcionamento semelhante à região.

A nível nacional podemos encontrar os mesmos órgãos eleitos: junta central, conselho nacional e conselho fiscal e jurisdicional.

Em suma, a associação a nível nacional encontra-se organizada em várias regiões que podem ser compostas por núcleos dos quais fazem parte os agrupamentos locais. Está organizado em 20 regiões coincidentes com as dioceses existentes em Portugal e possui ainda dois agrupamentos fora do território nacional, um em Macau e outro em Genebra (CNE, 2017).

Para se ser escuteiro do CNE é necessário ser católico e cumprir o ritual da promessa, sendo fiel à mesma. Existem dois tipos de membros efectivos: os líderes (adultos voluntários com pelo menos 20 anos e comprometidos com os estatutos e regulamentos da organização) e não líderes.

Os não líderes são jovens entre os seis e os 22 anos distribuídos entre as quatro secções consoante a sua faixa etária. As secções estão sensivelmente adaptadas à vivência dos jovens fora do movimento, nomeadamente na vida escolar, de modo que ao entrarem para o movimento aos seis anos, aquando da sua mudança para o 2º ciclo dá-se a mudança de secção dos lobitos para os exploradores cuja faixa etária compreende elementos entre os 10 e os 14 anos, momento em que transitam para a terceira secção – os Pioneiros – e por volta dos 17 anos, momento em

que estão a transitar para o ensino universitário são abraçados pela última secção – os caminheiros (Rodrigues , Menezes, & Ferreira, 2015).

Após a conclusão do seu percurso escutista, para o caminheiro/companheiro é hora de partir. A partida é um acto de maturidade que é assumido pelo próprio e que resulta na realização do seu projecto de vida, que poderá passar por se manter no movimento e partilhar os seus conhecimentos e vivências, ou sair do movimento preparado para tudo aquilo que o apela (CNE, 2017).

Ao manter-se no movimento o caminheiro/companheiro será alocado a uma equipa de animação (de determinada secção), junto aos dirigentes, e adultos que se encontram no caminho de aprendizagem para se tornarem futuros dirigentes, são, portanto, candidatos a dirigentes.

No final do seu percurso o escuteiro deverá estar munido de conhecimentos, habilidades e valores suficientes para lidar com as responsabilidades da vida adulta e ser parte integrante da sociedade (CNE, 2018).

2.1.2. Voluntariado: Definições e modelos motivacionais

O voluntariado é um conceito difícil de definir por várias razões, nomeadamente: o termo voluntariado não é entendido da mesma forma em todas as partes do mundo, inclusive em algumas sociedades tem conotação negativa devido à prática comum de exercício de voluntariado “forçado”; em algumas sociedades é uma prática enraizada culturalmente, o que faz com que as pessoas não identifiquem o acto como trabalho voluntário, mas sim algo que naturalmente faz parte das suas vidas; pode confundir-se a assistência aos voluntários (por exemplo fornecimento de alimentação), como a cobertura de despesas parcial ou total, com algum tipo de remuneração; a assistência à família não é considerado trabalho voluntário, contudo a composição de família considerada para o conceito de família, varia consoante o país e a cultura (International Labour Organization [ILO], 2008).

Assim, existem vários conceitos que definem voluntariado de forma simples e directa, ou recorrendo à especificação de forma mais extensa de características e objectivos da prática.

Na Publicação *Handbook on Non-Profit Institutions in the System of National Accounts*, as Nações Unidas definem voluntariado recorrendo a linguagem simples e objectiva referindo que

se trata de um trabalho sem obrigação legal ou remuneração dirigido a pessoas que vivem fora da casa do voluntário (United Nations[UN], 2003).

A Lei Portuguesa na definição de voluntariado define o âmbito em que é realizado, por quem é realizado e especifica as actuações que não são consideradas ao abrigo da prática do voluntariado. De acordo com o Decreto de Lei 71/98 de 3 de Novembro, artigo 2º, o voluntariado é “o conjunto de acções de interesse social e comunitário, realizadas por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Não são abrangidas pela presente lei as actuações que, embora desinteressadas, tenham um carácter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança” (p. 5694).

Nesta definição, o legislador realça o carácter desinteressado das pessoas que praticam um conjunto de acções em prol do outro, desde que desenvolvidas por entidades publicas ou privadas. E neste sentido, podemos considerar a existência de dois tipos de voluntariado: formal ou organizacional quando realizado através de uma organização (Por exemplo bombeiros ou escuteiros); informal ou directo quando o voluntariado é praticado a título individual para com alguém que não seja residente no alojamento (por exemplo tomar conta de um animal doméstico de um vizinho, explicações gratuitas ao filho de um amigo) (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2013).

Em oposição ao carácter desinteressado que refere o DL, há autores que consideram no seu conceito de voluntariado o interesse por parte do indivíduo que pratica a acção como forma de realização pessoal através do exercício da cidadania (Doehme, 1998), despendendo tempo em actividades de carácter cívico, cultural, educacional, recreativo, de assistência social e científico (Nogueira-Martins, 2010).

Ainda que o voluntariado seja praticado através de organizações, são os voluntários, os principais responsáveis pelo produto final, de modo que importa esclarecer o conceito de voluntário, que ao abrigo do Artigo 3º o define como “... o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões e no seu tempo livre, a realizar acções de voluntariado no âmbito de uma organização promotora. A qualidade do voluntário não pode, de qualquer forma, decorrer de relação de trabalho subordinado ou

autónomo ou de qualquer relação de conteúdo patrimonial com a organização promotora, sem prejuízo de regimes especiais constantes da Lei” (p.5694).

O mesmo Decreto-lei confere ao voluntário direitos e deveres que protegem não só o voluntário, como também a organização que ele representa e os destinatários das acções de voluntariado.

Em suma, o trabalho de voluntariado é desenvolvido por um indivíduo que ao serviço de uma organização (ou a título individual) dispõe do seu tempo livre e das suas aptidões em prol do desenvolvimento e bem-estar de outros indivíduos, sem receber qualquer tipo de recompensa, com excepção da satisfação pessoal por ter sido útil, e aquisição e desenvolvimento de competências.

O trabalho voluntário nasce das necessidades existentes na sociedade e que o estado não consegue colmatar. Nesse sentido, a sociedade civil organiza-se para ajudar a minimizar as carências existentes nas diversas áreas de intervenção.

O voluntariado representa uma parcela significativa da força de trabalho existente, e como tal, tem impacto ao nível económico e social, uma vez que proporciona benefícios adicionais à sociedade como por exemplo: servir de meio de inclusão e integração social, promover a formação profissional, ou oferecer serviços que não são facilmente fornecidos por trabalhadores como o “*Mentoring*” (ILO, 2008).

Deste modo, considerando a importância que os voluntários têm nas organizações sem fins lucrativos, e a importância destas na sociedade, é necessário compreender o que motiva as pessoas a desempenhar este papel, para promover o crescimento do voluntariado.

Existem vários factores que influenciam a permanência de um voluntário neste tipo de tarefas, nomeadamente: o altruísmo, o ego, o sentimento de pertença, o reconhecimento social, a aprendizagem e desenvolvimento, que variam de indivíduo para indivíduo e devem ser tidos em conta quando se pretende a manutenção dos mesmos na organização (Akintola, 2011; Ferreira, 2008; Steinitz, 2003).

Assim sendo, têm sido desenvolvidos inúmeros estudos com o objectivo de compreender as motivações dos voluntários, com modelos cuja complexidade de análise poderá variar em

unidimensional, bidimensional ou multidimensional, considerando uma ou mais dimensões na sua pesquisa (Dolnicar, 2007).

O modelo de Omoto e Snyder (1995) define o processo de voluntariado em três estágios:

- Antecedentes da actividade voluntária, compostos por motivações pessoais e que serão motores de iniciação no voluntariado;
- Experiência ao serviço do voluntariado, cujo envolvimento depende de dois factores: a satisfação pessoal no desempenho das funções e integração na organização;
- Consequências para o voluntário e para a sociedade, que podem influenciar as atitudes pessoais, o conhecimento e o comportamento do voluntário (Omoto e Snyder, 1995).

Em 2010, Omoto e Snyder reformularam o modelo do processo de voluntariado, onde incluíram diferentes níveis de análise para cada estágio, sendo eles:

- O nível individual onde se encontram os processos psicológicos dos indivíduos que praticam voluntariado e dos receptores;
- O nível interpessoal que considera as relações entre voluntários e beneficiários;
- O nível organizacional e social que inclui aspectos relacionados com o recrutamento, gestão e retenção de voluntários, e a relação entre eles e as estruturas sociais (Omoto e Snyder, 2010).

Ao testar o modelo concluíram que a motivação influencia a duração da experiência como voluntário, e que a possibilidade de alcançar funções pessoais, auto-orientadas e egoístas mantém o envolvimento dos mesmos (Omoto e Snyder, 1995). Ao testar o modelo que se segue junto dos voluntários dirigentes e candidatos a dirigentes do CNE, Quaresma (2015) não apurou qualquer relação entre a motivação e o tempo despendido, mas verificou a existência de correlação forte entre o bem-estar e o número de horas ao serviço do CNE.

A abordagem de Clary et al. (1998) é mais funcional e resultou numa teoria cuja questão central se prende com o facto de as pessoas agirem para servir e satisfazer funções ou necessidades psicológicas. De modo que, as razões e motivações para a prática do voluntariado diferem de pessoa para pessoa, e com isto a motivação poderá ser maior em momentos distintos, pois cada uma delas alcançará funções essenciais para si em momentos diferentes.

O estudo de Clary et al. deu origem à produção do inventário das funções do voluntariado (Volunteer Functional Inventory) cuja intenção seria perceber e aceder às motivações inerentes ao exercício do voluntariado e poder medi-las com algum grau de precisão.

Para tal, identificaram seis funções motivacionais na construção do inventário, a saber:

- Valores que remetem para a ajuda ao próximo, com vista a expressar ou agir sobre valores importantes;
- Compreensão, pois o voluntário procura aprender mais sobre o mundo ou exercer habilidades que muitas vezes não utiliza;
- Crescimento na medida em que, o voluntário busca o crescimento e desenvolvimento psicológico;
- Carreira devido à experiência adquirida que poderá ser relevante a nível profissional;
- Função social que permite ao voluntário fortalecer as suas relações sociais;
- Protecção, pois o voluntariado permite reduzir sentimentos negativos ou resolver problemas pessoais (Clary et al., 1998).

Analisando outros estudos que se suportaram no VFI para verificar quais os principais factores que influenciam a motivação, destaca-se em primeiro lugar os valores, seguido da função experiência (Marques, 2016 e Martins, 2012). Segundo Quaresma (2015) cuja investigação teve como objecto de estudo os voluntários no CNE, verificou-se que os factores que mais contribuem para a motivação dos participantes são os valores, a experiência e a auto-estima.

A utilização deste modelo poderá ser relevante não só no estudo do voluntariado em diversos contextos, mas também como apoio às organizações que necessitam de manter o envolvimento activo dos seus voluntários.

2.2.3. – Voluntariado e escutismo em Portugal

Em Portugal, o Escutismo nasceu pela mão de Álvaro de Melo Machado em 1911, e é actualmente representado por seis associações, das quais três são reconhecidas pela organização mundial do escutismo: a Associação de Escoteiros de Portugal (AEP), Associação de Guias de

Portugal (AGP) e Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português (CNE); as restantes três associações afirmam inspiração ou afinidade com o método escutista: o Clube de desbravadores, Royal Rangers Portugal (RR) e Associação de Guias e Escuteiros da Europa-Portugal (AGEEP) (Vicente, 2004).

O movimento escutista é um movimento educativo para os jovens cujo funcionamento depende na totalidade de trabalho voluntário.

O trabalho voluntário foi devidamente reconhecido pela lei portuguesa em 1998 através do Decreto-Lei 71/98, mais de dez anos depois da recomendação efectuada pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa que reconhecia, entre outros pontos, o papel do trabalho dos voluntários e a necessidade da criação de medidas que definissem e melhorassem as modalidades do voluntariado (Jacob, 2006).

Os números mais recentes do voluntariado referem que pouco mais de 1 em cada 10 residentes em idade activa efectuou voluntariado em 2012. Ou seja, no inquérito piloto ao trabalho voluntário aplicado pelo INE verificou-se que cerca de 11.5% dos residentes com mais de 15 anos tinha participado em, pelo menos, uma actividade de voluntariado. Traduzindo este trabalho de 1 milhão e 400 mil pessoas em euros, verificou-se que em média cada um dedicou cerca de 29 horas por mês ao serviço do voluntariado, o que se exprime anualmente, tendo por referência os valores do salário mínimo nacional à data, em 1.014,6 milhões de euros.

De acordo com os censos realizados pelo CNE em 2016, contavam com um efectivo de 71 933 elementos, dos quais 14 266 são adultos voluntários (CNE, 2017). Segundo Sardinha e Cunha (2013) o valor económico do trabalho desses voluntários ascendia aos 48 000 000€, com base numa média de 10 horas de trabalho semanal.

Comparativamente à estatística de outros países da Europa, verifica-se que Portugal se encontra aquém dos valores registados por exemplo nos países do norte da Europa. Segundo o inquérito especial do Eurobarómetro de 2011 onde foram considerados 27 países, Portugal encontra-se na 26ª posição no que diz respeito à percentagem de voluntários, com menos 12% da média da Europa dos 27. Em primeiro lugar encontra-se a Holanda onde mais de metade da população activa (57%) refere que faz voluntariado.

Perante este estudo, verificou-se que é nos países nórdicos que existe maior percentagem de voluntariado, observando-se alguma correlação entre a taxa de voluntariado e o grau de desenvolvimento económico.

O tipo de actividades mais desenvolvidas em Portugal são do domínio da beneficência ou apoio social e organizações religiosas, ao contrário do observado na média Europeia onde se desenvolve mais voluntariado nas áreas da cultura, arte, educação e desporto (INE, 2013).

2.2. TIC e *Social media*

2.2.1. Conceito de TIC e *Social media*

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm assumido um papel crucial no processo de globalização, em especial nos países “ditos” desenvolvidos onde a dependência tecnológica é cada vez mais substancial. Em determinadas áreas podemos considerar que as TIC são completamente indispensáveis, nomeadamente, a título demonstrativo, num cenário em que fosse necessário “desligar” a internet por alguns dias, quais as consequências que traria ao sector dos serviços como por exemplo a Banca.

Dado o alcance das TIC, são vários os autores que as tentam definir, para melhor entendimento da temática.

Na verdadeira acepção das palavras informação e comunicação, Soete (2000) considera que no caso da palavra informação a essência está na capacidade de armazenamento, memorização, manipulação, velocidade e interpretação de informações. A comunicação permite que as informações estejam mais acessíveis a todos os sectores e agentes económicos.

De forma simples, e em linha de conta com a definição anterior, podemos considerar que as TIC são o conjunto de actividades e tecnologias que resultam da união entre tecnologias de informação e tecnologias de comunicação (Murray, 2005).

Em conformidade com estas definições podemos assumir que as TIC englobam todas as tecnologias que permitam a transmissão de informação e conhecimento, ressalta em primeiro lugar a internet, os computadores, smartphones e software; contudo, devemos também considerar

outras formas de comunicação que mantêm a sua importância no dia-a-dia apesar da sua presença nas nossas vidas ser mais longa, como a rádio, o telefone fixo e a televisão.

No caso da internet, através dela vimos surgir uma nova forma de interação social com a emergência e a difusão da Web 2.0 e dos *Social Media*, que incluem uma série de serviços e aplicações que permitem aos utilizadores exprimirem-se, construir relações, jogar e partilhar num ambiente em rede.

A velocidade com que a tecnologia se tem expandido constitui um desafio à definição de limites em torno do conceito de *social media*, pois o mesmo inclui uma ampla gama de plataformas em constante desenvolvimento. Deste modo, Obar e Wildman (2015) sintetizaram várias definições e identificaram quatro semelhanças entre os actuais serviços associados aos *social media*:

- 1) Actualmente são aplicações baseadas na Web 2.0: estas aplicações alteraram a forma como interagimos com os outros utilizadores e com o mundo online porque tornaram a internet mais interactiva. Não se trata apenas de uma mudança de tecnologia, mas também ideológica na medida em que o utilizador passa a ser também consumidor de aplicações desenhadas para interagir, colaborar e participar no processo de criação de conteúdos (Kaplan & Haenlein, 2010; Ritzer Jurgenson, 2010, em Obar e Wildman, 2015).
- 2) A essência dos *social media* está no conteúdo gerado pelo utilizador: sem a interação do utilizador através dos comentários, partilhas ou “likes” os sites de *social media* tornar-se-iam em “cidades fantasma” (Obar & Wildman, 2015).
- 3) Criação de perfis específicos de utilizador individuais ou de grupo em sites ou aplicações desenhadas e geridas por social media: o perfil de utilizador é basilar na medida em que é através dele que são efectuadas as conexões entre perfis de utilizador, sendo essencial a recolha e identificação de dados pessoais, com vista à sua identificação por parte de outros utilizadores. Com excepção de alguns serviços como a Wikipedia, é prática comum que só tenha acesso aos serviços os utilizadores devidamente registados e identificados (Obar & Wildman, 2015).
- 4) Os serviços de *social media* promovem o desenvolvimento de redes sociais online através da ligação entre perfis: este é um aspecto controverso uma vez que as tecnologias

já existentes (como o telefone) também permitiam desenvolver, manter e facilitar as redes sociais. Contudo, através dos *social media* é muito mais fácil de manter e gerir as redes uma vez que é possível criar uma lista de pessoas e entidades com quem nos queremos relacionar, que nos dá acesso as actividades e informações partilhadas, permitindo um maior envolvimento e melhor acompanhamento da nossa rede (Obar & Wildman, 2015).

Em conformidade, é possível concluir que os *social media* estão intimamente relacionados com as TIC, permitindo ao utilizador gerar e partilhar informação, não só pela sua rede social mas também para os vários utilizadores dos serviços, constituindo um meio de comunicação.

2.2.2 Impacto socio-económico das TIC e *Social media*

Ao longo da história da humanidade tem-se verificado que o desenvolvimento global está intimamente relacionado com o desenvolvimento de tecnologias que promovem o crescimento económico e social das sociedades. Atualmente, o grande factor produtivo e de desenvolvimento é o conhecimento, que não se limita só à sua detenção, mas na capacidade de aquisição, armazenamento e partilha do mesmo. Neste sentido, as TIC são a tecnologia chave para se atingir os benefícios socio-económicos, facto que é possível confirmar através da crescente participação no crescimento do PIB dos países (Ferreira, 2007).

De acordo com Conceição e Heitor (2002, p.300), a interação existente entre as novas tecnologias e o avanço das condições económicas, forma o conceito de paradigma técnico-económico que “engloba um *cluster* relativamente estável de tecnologias nucleares, à volta das quais se processa a inovação e a actividade económica.” O forte impacto dessas tecnologias na economia e sociedade, faz delas nucleares devido a sua difusão num amplo número de produtos e processos, em todos os sectores da actividade económica.

Freeman e Louçã (2002, p.324) afirmam que a imposição deste paradigma, enquanto potencial de crescimento, só se verificou “quando os computadores, a microeletrónica e as telecomunicações passaram a oferecer, em grande escala, um modo de crescimento novo, tecnicamente fiável e economicamente eficiente”.

Em conformidade com estas afirmações verifica-se que o grande potencial das TIC, ao nível do seu contributo para o crescimento económico, emerge quando a sua utilização começa a ser transversal a vários sectores de actividade e da vida dos indivíduos em particular, em virtude da sua fiabilidade e eficiência económica.

É possível identificar três contributos das TIC para a economia: fortalecimento do capital e consequentemente aumento da produtividade do trabalho; aumento da eficiência do capital e do trabalho; e ajudar as empresas a aumentarem a sua eficiência e produtividade multifactorial (Pilat, 2004). Mas as TIC em virtude de serem tecnologias em rede, podem contribuir para um maior ritmo de inovação e menores custos de transação, que também contribuem para o aumento da produtividade.

Estes contributos poderão ser sentidos se estas tecnologias forem amplamente difundidas e utilizadas, cenário que está dependente do nível de competências dos seus potenciais utilizadores.

No inquérito elaborado pelo INE em 2015, verificou-se que 96% das empresas com mais de 10 colaboradores acedem à internet de banda larga, e destas empresas cerca de 38% utiliza as redes sociais como estratégias de ligação aos seus clientes.

A introdução das TIC teve grande impacto não só nas empresas, mas também na sociedade em geral, na medida em são utilizadas por várias áreas nomeadamente nas relações pessoais, administração pública, no lazer e entretenimento, mas também na participação social e política.

Segundo o mesmo inquérito cerca de 69% das pessoas com idade compreendida entre os 16 e 74 anos utilizam em igual proporção o computador e a internet, o que demonstra o nível elevado de utilização das TIC por parte dos portugueses.

Ao nível das empresas, cerca de 19 % disponibiliza o serviço de encomendas online, para 23% dos portugueses que efectua encomendas online. Ou seja, existem mais portugueses com disponibilidade de compra online do que empresas disponíveis para esse comércio (INE, 2015).

A internet e *social media* podem exercer influência na tomada de decisão dos seus utilizadores na medida em que permite a partilha de informação sobre a utilização de produtos e serviços que irão influenciar a compra ou adesão a um produto ou serviço. Temos o exemplo do *Tripadvisor* que disponibiliza informação sobre restaurantes e promove junto dos seus

utilizadores a partilha da experiência nos mesmos, ora se ao consultar um restaurante o utilizador verificar que existem muitos comentários negativos, provavelmente irá optar por não recorrer aquele estabelecimento. O mesmo ocorre com o mais variado leque de produtos e serviços disponibilizados pelas empresas, que ainda que não disponibilizem o comércio online, estarão sujeitas à avaliação das pessoas que fazem utilização da internet e que através das redes sociais (cerca de 70% dos portugueses utiliza as redes sociais) ou blogs tem liberdade de opinar sobre e disponibilizar para toda a rede (INE, 2015).

Deste modo, a internet está a tornar-se uma construção colectiva composta por milhões de utilizadores que partilham o mais variado tipo de conhecimento através de uma nova forma de socializar. Que aproxima as pessoas através de blogs, emails, chats, comunidades virtuais, e lhes permite construir e manter as suas redes sociais, ter acesso a grupos de interajuda de forma muito mais imediata e no conforto do local onde pretende estar. Actualmente, cerca de dois terços dos utilizadores da internet acedem a todas estas possibilidades de forma móvel, sem estar preso a um computador, pois pode fazê-lo em mobilidade com o seu smartphone ou tablet (INE, 2015).

A utilização das TIC e *social media* provocaram uma revolução não só na forma como nos relacionamentos, mas também na forma como os agentes económicos desenvolvem a sua actividade, contudo apesar de as tecnologias serem cada vez mais intuitivas, obrigam à constante aquisição de competências neste âmbito.

2.2.3 Importância da aquisição de competências em TIC

As TIC desempenham um papel de grande importância em quase todos os sectores de actividade, o que faz com que as competências em TIC sejam consideradas competências-chave, que permitem ao indivíduo responder às necessidades que surgem em diversas áreas da sua vida (Murrey, Clermont e Binkley, 2005).

Como refere Alves (2004, p. 15) “uma literacia digital alargada a diferentes níveis de competências radica no pressuposto de que as TIC e o ambiente digital constituem, desde já, e aprofundar-se-ão num futuro muito próximo, como núcleo central dos processos produtivos, da organização e do modelo de estruturação da actividade económica”. Deste modo, há uma procura crescente de pessoas com competências nesta área, que exige a sistemática renovação de competências para se manterem actualizadas.

Podemos englobar os tipos de competências em TIC em três grupos, tendo por base as suas características:

- Competência profissional em TIC: competências relacionadas com o exercício da profissão na área das TIC, que se traduz na capacidade de utilizar ferramentas avançadas e/ou desenvolvê-las, criá-las e repará-las;

- Competência aplicada em TIC: engloba os utilizadores de nível avançado que tem a capacidade de aplicar ferramentas simples a situações genéricas no local de trabalho ou utilização de software específico para o sector de actividade:

- Competências básicas de TIC: capacidade de utilizar as TIC como ferramenta de aprendizagem e em tarefas básicas do dia-a-dia (Ferreira, 2007).

Quanto mais actualizadas estiverem as competências mais produtivos podem ser os trabalhadores, o que se traduz num maior potencial para manter o posto de trabalho e potencializar as suas perspectivas de desenvolvimento profissional. Se não actualizar as suas competências, o indivíduo corre o risco de se tornar “obsoleto” e deixar de corresponder aos níveis de produtividade atingidos anteriormente, correndo o risco de serem excluídos (Conceição e Heitor, 2003).

Analisando geracionalmente a sociedade portuguesa, é possível identificar três gerações que viveram diferentes formas de educação e cultura tecnológica: Faixa etária que fez a sua escolarização em regime de estado novo, com fraca escolarização na sua maioria, que experienciou uma educação de cariz transmissivo com base na autoridade; Uma geração mais escolarizada, em ambiente democrático, com maior acesso ao conhecimento mas de cariz transmissivo com uma cultura tecnológica ainda escassa (o primeiro contacto com as TIC foi em idade adulta); e a geração dos jovens actuais que nasceram com as tecnologias mantendo com elas uma convivência natural, valorizando-as para efeitos de comunicação, aprendizagem e entretenimento (Pereira e Silva, 2009).

Para reduzir o desequilíbrio existente nas competências em TIC entre gerações e promover a utilização das TIC, o estado Português tem desenvolvido várias iniciativas neste âmbito, nomeadamente:

- O plano tecnológico (aprovado em conselho de ministro em dezembro de 2005) organizado em três eixos: incremento qualificado dos níveis de conhecimento dos portugueses; vencer o atraso científico e tecnológico; e imprimir novo impulso à inovação (Anacom, 2018).

- Programa ligar Portugal implementado em 2005 que tinha como objectivo ligar todas as escolas à banda-larga da internet (Pereira e Silva, 2009);

- Programa E-iniciativas (início em 2007) que tinha como objectivo equipar estudantes e educadores com portáteis e banda larga, temos como exemplo a distribuição do Magalhães no 1º ciclo.

A necessidade de promover as TIC tornou-se de tal modo premente que houve necessidade de obrigar os empregadores a criar condições de formação para o trabalhadores, e em fevereiro de 2009 foi aprovada a Lei 7/2009 que no artigo 131º determina que o empregador deve: “a) Promover o desenvolvimento e a adequação da qualificação do trabalhador, tendo em vista melhorar a sua empregabilidade e aumentar a produtividade e a competitividade da empresa; b) Assegurar a cada trabalhador o direito individual à formação, através de um número mínimo anual de horas de formação, mediante acções desenvolvidas na empresa ou a concessão de tempo para frequência de formação por iniciativa do trabalhador; c) Organizar a formação na empresa, estruturando planos de formação anuais ou plurianuais e, relativamente a estes, assegurar o direito a informação e consulta dos trabalhadores e dos seus representantes; d) Reconhecer e valorizar a qualificação adquirida pelo trabalhador”.

Com a aplicação desta lei, as empresas devem investir na formação dos seus trabalhadores, mantendo-os atualizados em relação às constantes evoluções tecnológicas de modo a que mantenham ou até possam aumentar o seu nível de produtividade. Do ponto de vista do trabalhador, a atualização das competências permitir-lhe-á manter o seu posto de trabalho e projetar a sua carreira com vista à evolução da mesma.

Existe todo um caminho, sem fim previsto, a caminhar nesta área, é importante não só munir as pessoas de tecnologia ou acesso à mesma, mas também facultar ferramentas que permitam não só fazerem o uso que necessitam dela, mas também possam continuar a renovar as suas competências e acompanhar a evolução das TIC.

2.2.4. Importância das TIC na comunicação e cooperação

A importância das TIC na comunicação e cooperação neste trabalho, reporta-se essencialmente às organizações não governamentais ou sem fins lucrativos que constitui o objecto da presente investigação.

“A sua missão principal é o incentivo à acção colectiva para o desenvolvimento de relações mais solidárias dos seres humanos entre si e com o meio ambiente em que vivem” (Franco, 2015, p.14). A sustentabilidade da sua missão depende essencialmente do voluntariado, de modo que as TIC poderão facultar ferramentas de baixo custo que permitam de forma eficiente que, as organizações façam não só a sua gestão interna como a comunicação para o exterior, da qual dependem para promover o seu trabalho (Maroto, 2015).

A rentabilização do trabalho das organizações pode ser maximizada através dos sistemas colaborativos, com utilização de ferramentas de *Groupware* que são um conjunto de tecnologias digitais, que permitem a colaboração e apoiam a coordenação nas interações homem-máquina ou homem-homem (Simon, 1996; Rosenberg, 1997). Apresentam grandes benefícios uma vez que promovem eficácia na comunicação, permitem dinamizar a captura e partilha do conhecimento que se traduz numa maior aprendizagem (Hills, 1997).

As tecnologias de Groupware podem ser agrupadas segundo o sincronismo e segundo a localização. As ferramentas síncronas com reunião no mesmo local, permitem a utilização da tecnologia num contexto presencial, como por exemplo aplicações de suporte à tomada de decisão em grupo ou espaços eletrónicos para grupos. Ou podem ser síncronas com utilização em diferentes locais, isto é, os utilizadores utilizam a mesma ferramenta ao mesmo tempo, mas em espaços distintos, como acontece por exemplo numa teleconferência ou videoconferência.

As ferramentas assíncronas são utilizadas em momentos distintos e podem ser utilizadas com reunião presencial, por exemplo através da partilha de ficheiros ou utilização de correio eletrónico, e em locais diferentes como é o caso da edição de documentos em grupo (Johansen, 1988).

Segundo Lopes (2015) verifica-se que no decorrer do trabalho em equipa as ferramentas mais utilizadas são o email, contacto telefónico e aplicações de partilha de ficheiros, ou seja, com excepção do contacto telefónico existe preferência pela utilização de meios assíncronos.

Apesar de não serem consideradas no âmbito dos sistemas colaborativos, as redes sociais têm em si um grande potencial do ponto de vista da colaboração e cooperação, pois são espaços onde é permitida a partilha de questões e informações do interesse de grupos específicos de qualquer contexto (Lomas et al., 2008). Deste modo, pode não só constituir uma ferramenta de comunicação, permitindo a sua maior visibilidade para o exterior, como cooperar com a missão de cada organização.

Com as ferramentas de sistemas colaborativos as organizações têm em seu poder uma panóplia de opções que lhes permitirão levar a sua missão a mais pessoas, uma vez que uma melhor gestão do tempo e dos recursos humanos, resultará em mais e melhores frutos para o seu público alvo.

2.3. As tecnologias TIC e *Social media* no quotidiano das crianças e jovens

2.3.1. Nos tempos livres

O ambiente em que as crianças e jovens das sociedades do tipo ocidental se desenvolvem, tem as TIC e os media a desempenhar um papel central nas suas vidas (Pinto e Sarmento, 1999; Cardoso et al, 2008), influenciando o actual contexto da infância (Livingstone, 2002), através de alterações nomeadamente do seio familiar, devido ao declínio da estrutura patriarcal, dos modelos de consumo, dos valores e identidades pessoais (Sarmento, 2004).

A forma como as crianças e jovens ocupam o seu tempo livre passa muito pela utilização dos media como a televisão, telemóvel ou internet, e ainda que a oferta de estímulos seja cada vez mais diversificada e extensa, verifica-se que no caso das novas tecnologias, a sua existência não vem substituir outras, sendo utilizadas em simultâneo num regime de multitarefa (Foher, 2006; Wallis, 2006).

Brincar e jogar constituem uma necessidade básica no dia-a-dia das crianças, fundamental para o seu desenvolvimento, nomeadamente ao nível de aquisição de competências físicas, sociais e cognitivas (Buckingham, 2008). De modo que, os jogos multimédia são uma forma de ocupação dos tempos livres cuja utilização é mais expressiva entre os mais novos, perdendo progressivamente o interesse nas faixas etárias mais velhas (Silva, 2014).

Quanto à utilização da internet, segundo a análise efectuada por Silva (2014) aos dados do inquérito presencial e online do projecto sociedade em rede (2006), verifica-se que a actividades mais populares estão relacionadas com a comunicação e educação. A internet é utilizada para reforçar a rede de relações das crianças (Almeida et al, 2014), cujas actividades comunicativas se prendem essencialmente com a participação em chats, comunidades virtuais ou newsgroups, favorecendo também o contacto com os amigos (Silva, 2014).

A comunicação também é feita com recurso às redes sociais, nomeadamente o Facebook que é a mais utilizada pelos jovens (Inquérito sociedade em rede (2013) em Silva, 2014). Apesar do inquérito apenas possuir dados sobre a faixa etária dos 15 aos 18, apurou-se que no contexto europeu cerca de 60% das crianças dos 9 aos 16 anos são utilizadores de redes sociais (Livingstone et al. 2010).

O uso das redes sociais é feito essencialmente para comunicar no chat, fazer “gostos” nas publicações dos amigos e jogar, para tal as tecnologias mais utilizadas para aceder às mesmas é o computador, seguido do telemóvel (Silva, 2014).

A relação das crianças e jovens com os telemóveis é cada vez mais próxima, ao nível dos chamados “nativos digitais” (Prensky, 2001), uma vez que nascem a conviver com esta e outras tecnologias digitais.

No inquérito presencial sociedade em rede (2006) analisado por Silva (2014) constatou-se que mais de 70% das crianças tem telemóvel, cujo tipo de utilização varia em função da faixa etária: dos sete aos dez têm uma relação mais lúdica utilizando como brinquedo; dos 10 aos 12 anos a utilização é mais focada nos hobbies e amigos; dos 13 aos 15 é utilizado para construir a sua identidade própria (Mante-Meijer e Pires, 2002); e dos 16 aos 18 é utilizado para o alargamento das relações de proximidade (Silva, 2014).

Ainda que as TIC estejam muito presentes nos tempos livres das crianças e jovens, verifica-se no estudo de Iacob (2016) que preferem brincar, conversar, ver televisão e jogar com os amigos sem o computador. Apesar de, segundo Livingstone (2002), as actividades como ir a bares, restaurantes ou espetáculos, que implicam sair da segurança do lar, estarem a perder relevância, por serem entendidos como perigosos, levando os pais a limitar os jovens ao espaço doméstico.

2.3.2. Na Aprendizagem

O acesso ao conhecimento já não está apenas confinado às salas de aula (Amante, 2013, em Fragoso, 2017), nem o professor é o único detentor do saber (Cardoso e Lapa, 2015).

O acesso a tecnologias promotoras de educação, como enciclopédias multimédia, motores de busca ou software de processamento de texto, é uma realidade do quotidiano das sociedades do tipo ocidental (Silva, 2014).

Apesar de toda a tecnologia presente nas escolas, a forma como a informação é transmitida pouco ou nada mudou mantendo-se a transmissão hierárquica e expositiva pois a tecnologia por si só não é factor de mudança na aprendizagem (Livingstone, 2012). Os professores precisam aprender e descobrir como é que podem usar a tecnologia para criar oportunidades de aprendizagem, em que os alunos constroem conhecimentos que podem ser aplicados na realidade (Ertmer e Ottenbreit-Leftwich, 2010).

Para as crianças o computador constitui uma forma de diversão (Almeida et al, 2012; Oliveira e Dias, 2014), no entanto ao aproximar-se do final da adolescência há muitas crianças que recorrem ao computador para fazer trabalhos de casa, ver notícias ou pesquisar informação (Simões et al, 2014).

Segundo Iacob (2016) os meios mais utilizados pelos alunos para estudar são os manuais (em papel) e fichas, em detrimento dos meios tecnológicos que são usados preferencialmente para fins lúdicos. Averiguou também se os meios tecnológicos são importantes na vida das crianças, e concluiu que os mais novos (entre os oito e nove anos) ainda não dão muita importância à tecnologia, contudo os mais velhos (10 a 12 anos) fazem mais uso do computador.

Não obstante a sua maior ou menor utilização verificada anteriormente, segundo Fragoso (2017) tanto professores como alunos consideram que o uso das TIC motiva os alunos e promove a sua confiança, e contribui afirmativamente para a relação aluno/professor. A generalidade dos alunos considera que as TIC melhoram a compreensão da matéria, e associam as ferramentas a novas formas de aprender, que tornam as aulas mais criativas e diferentes.

Segundo Silva (2014) numa análise efectuada ao inquérito online, cerca de 43% dos inquiridos tem o hábito de usar o computador enquanto estuda, e grande parte utiliza o processador de texto para os seus trabalhos. A análise de Silva (2014) revela também que o

computador é uma forma de comunicação sobre os estudos, usado como ferramenta de entreajuda.

Os jogos de computador são alvo de controvérsia quanto ao seu valor na aprendizagem, contudo há autores que defendem o jogo como ferramenta de aprendizagem com grande significado (Gee, 2003).

O jogo como processo de aprendizagem informal apresenta-se como uma forma de estimular o diálogo e a troca de informação com outros jogadores (Buckingham, 2008), aquisição de forma quase imperceptível de competências cognitivas complexas, e a sua presença no quotidiano das crianças e o facto de simular, por vezes, situações próximas da realidade, permitem a aquisição de valores e normas sociais e culturais (Greenfield, 1994).

As TIC contribuem para um processo de aprendizagem mais atrativo, uma vez que oferece uma panóplia de recursos educacionais que facilitam o acesso a informação e permitem a apresentação dos conteúdos de forma dinâmica e interactiva, nomeadamente através de jogos ou vídeo, que estimulam a participação activa dos alunos (Oliveira e Dias, 2014; Pouts-Lajus, Vidalinic e Riché-Magnier, 1999).

Capítulo 3 - Introdução à investigação

3.1. Apresentação da investigação

O principal foco da presente investigação é verificar até que ponto poderão as tecnologias de informação e comunicação (TIC) contribuir para o desenvolvimento do método escutista? E, em sequência, perceber até que ponto as TIC e os *social media* desempenham um papel relevante na dinâmica do escutismo, e facilitam a comunicação, a realização das actividades e a aplicação do sistema de progresso.

A prossecução da investigação foi efectuada em duas fases: a exploratória e a inferencial. Na primeira fase, através de uma conversa informal com cinco dirigentes do CNE no agrupamento 342 de Vialonga, conseguimos verificar quais os grandes conceitos que emergem na temática abordada e, de acordo com os mesmos, elaborámos um guião com oito questões abertas e uma questão fechada. Esse guião foi divulgado por email com recurso a um link que os direccionava para a entrevista no Google Forms, e teve a participação de 17 dirigentes e candidatos a dirigentes do mesmo agrupamento (Cf. Anexo 1).

Na segunda fase da investigação, desenvolvemos um questionário que engloba 18 questões, duas delas de resposta livre e as restantes de resposta fechada, constituídas, na sua maioria, pelos indicadores que emergiram na fase exploratória. Este questionário teve a participação de 264 pessoas, dirigentes e candidatos a dirigentes distribuídos pelos agrupamentos de 15 das 20 regiões de todo o país. O maior número de respostas proveio da região de Lisboa (e das regiões de Beja, Lamego, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu não obtivemos respostas).

Reunidos os dados, procedeu-se ao seu tratamento estatístico, com recurso ao sistema SPSS, e posterior análise e interpretação.

3.2 Fase exploratória

3.2.1 Objectivos

Na primeira fase da investigação realizou-se uma recolha de informação com base no método qualitativo, com o objectivo de:

- Verificar quais as principais questões e conceitos que resultam da relação do escutismo com as TIC;
- Averiguar qual o impacto das TIC na dinâmica existente em torno das actividades.

Para a recolha de dados recorreu-se à realização de um inquérito por questionário junto de dirigentes e candidatos a dirigentes (Cf. Anexo 1).

Os dados recolhidos permitiram recolher indicadores importantes no desenvolvimento do inquérito utilizado na fase inferencial.

3.2.2. Inquérito por questionário

O inquérito é uma técnica de recolha de dados que pode ser apresentada por escrito ou oralmente, consoante se trate de um inquérito por questionário ou por entrevista respectivamente. Permite ao investigador a recolha de informação junto do interveniente directamente, com recurso a um conjunto de questões organizadas por ordem previamente determinada.

Este é um dos processos mais directos para a recolha de informação, que consiste em formular questões às pessoas que de alguma forma estão envolvidas com a investigação em curso (Tuckman, 2000).

Nesta investigação foram inquiridos dirigentes e candidatos a dirigentes activos no CNE, detentores de informação e experiência necessária à prossecução dos objectivos delimitados à priori.

É possível distinguir o tipo de inquérito pelo seu grau de directividade e interação entre o investigador e a população inquirida, que se reflete na utilização de dois tipos de instrumentos: o questionário e a entrevista, que se distinguem essencialmente pela possível interação presencial.

A entrevista é realizada com a presença do investigador que pode conduzi-la de forma mais ou menos directiva, utilizando entrevistas estruturadas ou pouco estruturadas.

Os questionários não exigem a presença do investigador aquando da sua realização e podem ser estruturados ou pouco estruturados, consoante a directividade que se pretende (Carmo e Ferreira, 1998).

Na elaboração do questionário é necessário ter em consideração três princípios básicos para que os resultados possam ser satisfatórios: clareza, coerência e neutralidade.

Estes devem ser considerados na redação das questões independentemente do tipo de questão que se possa utilizar:

- Questões Fechadas: Onde existe a imposição de hipóteses de resposta e o inquirido deverá seleccionar a resposta com que mais se identifica;
- Questões Abertas: O inquirido é livre de se expressar e responder o que bem entender. Tem a vantagem de resultar em dados mais ricos, no entanto o seu tratamento é mais complexo;
- Questões Semi-Abertas: O tipo e respostas envolvidas são abertas e fechadas, ou seja, existe uma listagem de respostas definida e um campo de resposta livre.

Independentemente do tipo de questões colocadas, o mais importante é que exista cuidado no planeamento do questionário, onde as perguntas devem estar muito bem organizadas apresentando-se de forma coerente e lógica para o inquirido. Deve estar organizado por temas, reservando as questões mais difíceis ou sensíveis para o final.

Ao inquirido deve ser dada a possibilidade de esclarecer qualquer dúvida que possa surgir em relação às questões, contudo, o desejável é que o questionário esteja elaborado de forma a minimizar qualquer questão, motivo pelo qual é importante a realização do pré-teste antes de contactar a população alvo (Carmo e Ferreira, 1998).

Nesta fase da investigação optou-se pela utilização de questionários pouco estruturados com a maioria de questões abertas para permitir a liberdade de resposta do inquirido.

3.2.3. Método

3.2.3.1 Amostra/População

A amostra foi constituída por 17 adultos ao serviço do movimento, no Agrupamento 342 de Vialonga sito na região de Lisboa.

Os participantes receberam o inquérito por email com um link que os direccionava para um formulário do Google Forms onde constava as informações sobre o estudo em curso e a importância das suas respostas no decorrer do mesmo.

3.2.3.2 Inquérito – Guião e Procedimento

O inquérito foi elaborado com recurso ao Google Forms, com uma nota introdutória onde foram clarificados os objectivos do presente estudo, informando do carácter anónimo, confidencial e voluntário. Foi enviado um questionário, com oito questões abertas e uma questão fechada, a 60 adultos activos no movimento, com pedido de resposta com data limite de 31 de janeiro.

Questões principais incluídas no Questionário (cf. Anexo 1):

- Quais os principais meios de comunicação que utilizam?
- Quais são as ferramentas que utilizam para efectuar o registo do sistema de progresso (por exemplo: objectivos propostos, trilhos aprovados)?
- Quais as ferramentas utilizadas para dar a conhecer aos jovens o sistema de progresso?
- Quais as principais limitações/dificuldades que sentem para aplicar o sistema de progresso?
- Em que medida consideram que as tecnologias de informação podem contribuir para atenuar essas dificuldades/limitações?
- Considerando a criação de um sistema que permita dinamizar e facilitar a gestão do sistema de progresso, que tipo de informação consideram que é importante constar?
- Considerando a criação de um sistema que permita dinamizar e facilitar a gestão do sistema de progresso, que funcionalidades, na óptica do utilizador elemento, deveria conter?

- Considerando a criação de um sistema que permita dinamizar e facilitar a gestão do sistema de progresso, que funcionalidades, na óptica do utilizador dirigente, deveria conter?

Foi ainda incluída uma questão com resposta fechada: Em que tipo de dispositivo consideram que o sistema poderá ser mais utilizado?

Foram reunidos os questionários e agrupados os dados por questão para se proceder à análise temática das respostas dadas.

3.2.3.3 Técnica de análise de dados

O método escolhido para a análise e categorização dos dados foi a análise temática por nos permitir de forma flexível identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados recolhidos (Boyatzis, 1998) Dentro deste método, optou-se por uma análise centrada numa abordagem semântica, identificando os temas dentro dos significados explícitos e superficiais dos dados, que foram organizados para simplesmente mostrar os padrões da semântica, resumindo a interpretação. (Patton, 1990)

Numa fase inicial analisou-se todo o conjunto de dados de cada questão, com o objectivo de identificar aspectos interessantes que se revelassem padrões repetidos e que viriam a dar origem aos temas.

No mercado existem disponíveis vários tipos de *software* estatístico que permitem o tratamento de dados qualitativos ou textuais (e.g. MaxQDA, Atlas.Ti, nVivo ou Tropes), contudo, após explorar e testar-se as suas funcionalidades, verificou-se que, tendo em consideração a amostra actual, seria mais adequado, e com resultados semelhantes, a análise manual dos dados.

Nesta primeira análise foram tidas em consideração as directrizes de Braun e Clark (2006):

- Codificar o maior número de padrões possíveis;
- Ter os dados próximos de modo a manter o contexto dos mesmos;
- Considerar que o mesmo excerto pode ser codificado diversas vezes, em temas diferentes.

Para garantir o contexto cada categoria identificada na codificação foi associada a um excerto do texto – denominado como unidade de registo, ou citação - com vista a enquadrar e representar a categoria emergente.

Na fase seguinte procedeu-se à identificação dos temas, que resultam, em grande parte, da verificação de algum nível de resposta padronizada ou com significado dentro do conjunto de dados, que não depende necessariamente de uma medida quantificável, mas da importância que o mesmo tem em relação à questão de investigação (Braun e Clark, 2006).

Por fim, os temas e respectivas categorias foram identificados e apresentados num quadro com a informação esquematizada, acompanhado do relatório detalhado do mesmo.

3.2.3.4. Resultados

Na sequência da questão quais os principais meios de comunicação utilizados, verifica-se que para a maioria dos participantes (11), a comunicação directa é o meio preferencial. Os mesmos referem a utilização do telemóvel, email ou mensagens via Whatsapp.

Contudo, seis dos participantes referem que os *social media* são a forma de comunicar mais utilizada para transmissão da informação, nomeadamente através do Facebook ou site do agrupamento (Cf. Tabela 2).

Tabela 2 - Área Temática: Principais meios de comunicação utilizados e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo/Categoria
Meios de comunicação	Comunicação directa	“Email, Whatsapp”
	Social media	“E-mail, site do agrupamento, página oficial Facebook”

Quando questionados sobre as ferramentas utilizadas para registo da informação sobre o sistema de progresso individual, oito participantes indicam que utilizam o Excel para registar a informação de cada elemento.

A utilização de documentação em papel foi referida por 6 participantes que a título de exemplo indicam que utilizam “*Quadro de progresso individual e papel*”.

Ainda que com menos expressão, são referidas outras ferramentas para registo dos dados como o Google Drive e o sistema integrado de informação escutista (SIIE) (Cf. Tabela 3).

Tabela 3 - Área Temática: Ferramentas utilizadas para o registo do sistema de progresso e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo/Categoria
Ferramentas de registo	Microsoft Office	“Excel”
	Documentação em Papel	“Quadro de progresso individual e papel”
	Google Drive	“Neste momento usamos as ferramentas do Google Drive – Excel e formulários”
	SIIE	“Excel, SIIE”

Relativamente à questão quais as ferramentas mais utilizadas para divulgar o sistema de progresso, dez dos participantes afirmam utilizar documentação em papel como por exemplo “Manual de cada secção (diário de bordo, diário de percurso, etc...)”.

Três dos participantes referem que as apresentações orais dos trilhos e objectivos são a sua ferramenta preferencial.

Tal como se verifica nas respostas “Ateliers de progresso” e “PowerPoint”, existe o recurso ao jogo escutista/ateliers e o Microsoft Office para dar a conhecer o sistema de progresso aos jovens (Cf. Tabela 4).

Tabela 4 - Área Temática: Ferramentas mais utilizada para divulgação do sistema de progresso e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo/Categoria
Ferramentas para divulgação do sistema de progresso	Documentação em papel	“Painel de progresso e esquema de trilhos e objectivos fornecido pelo CNE”
	Apresentação Oral	“Exposição Oral”
	Microsoft Office	“Correio eletrónico, Excel”
	Jogo	“Temos Apresentações sobre o tema, jogos e outras dinâmicas desenvolvidas”

Na sequência da questão quais as principais dificuldades/limitações que sentem na aplicação do sistema de progresso, deparamo-nos com a necessidade de identificar dois temas: as dificuldades e limitações.

Ao nível das dificuldades destacam-se três categorias: operacionalização, interpretação e validação. As dificuldades de operacionalização surgem como a maior preocupação de seis dos participantes que referem por exemplo *“dificuldade em explicar o significado dos diferentes objectivos e trilhos”*. Quatro participantes referem que a falta de iniciativa por parte dos jovens é a maior dificuldade que encontram na aplicação do sistema, um deles refere que *“Depois de aprovados (os trilhos) muitos esquecem do que têm de fazer”*. Há um participante que refere como dificuldade *“a escolha de oportunidades educativas por parte dos jovens”*, o que dificulta a validação dos objectivos, pois se os jovens não sabem identificar as oportunidades para a concretização dos objectivos a que se propuseram será mais difícil validá-los.

Em termos de limitações foram identificadas duas grandes limitações: o Tempo e iniciativa por parte dos jovens. Quatro participantes referem que a falta de iniciativa por parte dos jovens é a maior limitação que encontram na aplicação do sistema, um deles refere que *“Depois de aprovados (os trilhos) muitos esquecem do que têm de fazer”*. E por fim a falta de tempo para trabalhar com os miúdos e poder envolvê-los mais no seu progresso individual, nomeadamente por *“Falta de tempo no calendário escutista...”* (Cf. Tabela 5).

Tabela 5 - Área Temática: principais limitações/dificuldades na aplicação do sistema de progresso e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo/Citação
Dificuldades	Operacionalização	“desmistificar os trilhos e os seus objectivos de forma a que fique mais claro e palpável para os jovens entenderem e poderem propor-se”
	Interpretação	“complexidade da descrição dos objectivos”
	Validação	“Validação do progresso” “A escolha de oportunidades educativas por parte dos jovens”
Limitações	Tempo	“Falta de tempo no calendário escutista” “Falta de tempo para os miúdos realizarem reuniões de equipa, para os conselhos de guias e para criar oportunidades educativas para todos os elementos. “
	Iniciativa	“depois de aprovados (os trilhos), muitos esquecem do que têm para fazer” “iniciativa dos próprios jovens”

Relativamente à questão em que medida consideram que as TIC podem contribuir para atenuar as dificuldades/limitações sentidas, cinco dos participantes consideram que poderá estimular a participação dos elementos, tal como é referido por um dos participantes *“Ser mais apelativo, os jovens interagem mais facilmente com as tecnologias”*. Consideraram também que as TIC poderão simplificar o sistema de progresso na medida em que torna a informação mais acessível, facilitando a compreensão dos jovens. A partilha de informação, dinâmicas e oportunidades educativas estimulam os jovens na concretização dos objectivos propostos.

Dois dos participantes consideram que poderão ajudar na gestão do tempo, facilitando a inserção e manutenção dos dados do sistema de progresso.

É também referido por um dos participantes a maior autonomia por parte dos jovens para gerir o seu progresso individual (Cf. Tabela 6).

Tabela 6 - Área Temática: Contribuição das TIC para atenuar as dificuldades/limitações na aplicação do sistema de progresso e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo
Contribuição das TIC	Estimular a participação	“Ser mais apelativo, os jovens interagem mais facilmente com as tecnologias
	Informação acessível	... “talvez se consigam construir pontes que facilitem o acesso à informação e resultem na familiarização com o conceito do sistema de progresso tornando-o mais intuitivo.”
	Gestão do tempo	“Bem geridas poupa-se muito tempo na gestão da mesma”
	Autonomia	“Podem ser autónomos”

Quando questionados sobre que tipo de informação consideram importante constar num sistema de informação que tenha como objectivo o apoio à gestão do sistema de progresso, a maioria dos participantes (8) considera que deve conter informação individual de cada elemento,

nomeadamente “Nome, etapa, data proposta trilho, data conclusão trilho. Ao completar os trilhos passa para a etapa x”.

Considera-se como informação relevante por parte de três dos participantes, os objectivos desconstruídos, ou seja, consideram que os objectivos devem estar devidamente explicados inclusive com recurso a exemplos.

É também referida a necessidade de constar exemplos de oportunidades educativas que poderão propor para a concretização dos objectivos.

Por fim, nesta categoria, dois dos participantes consideram que deve ser incluída informação sobre especialidades e competências que podem alcançar, que apesar de ser um sistema complementar do progresso individual é importante constar num sistema desta índole.

Tabela 7 - Área temática: Informação relevante num sistema de informação com vista a facilitar e dinamizar a gestão do sistema de progresso e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo/Citação
Tipo de informação	Informação individual	“Objectivos atingidos, etapa em que esta o que falta atingir”
	Objectivos desconstruídos	“Sim, uma explicação detalhada com exemplos de cada objectivos concretos bem explícitos”
	Oportunidades educativas	“Muitas oportunidades educativas tangíveis e adequadas ao escutismo”
	Sistema de competências	“... Poderá ter informações sobre as especialidades que o elemento pode fazer embora não seja progresso mas é um crescimento pessoal e pode estar interligado aos objectivos.”

Na sequência da questão sobre que tipo de funcionalidades na ótica do utilizador elemento deveria constar num sistema de informação, oito dos participantes indicam que os elementos devem ter acesso à sua informação individualizada, nomeadamente “visualização, possibilidade

de introdução de objectivos propostos que estivessem directamente ligado a um quadro individual de controlo e que permitisse distinguir objectivos completos de objectivos propostos e de objectivos não iniciados”.

Foi também considerado importante que conste exemplos de oportunidades educativas, em especial para os mais jovens, na medida em que facilita a concretização dos seus objectivos, ou mesmo perceberem que têm objectivos que já concretizaram através de determinada oportunidade educativa.

Os participantes consideraram também que o sistema deveria ser intuitivo e funcional permitindo *“fácil acesso, fácil preenchimento e fácil compreensão”*.

Para os participantes que trabalham com os mais novos, onde alguns deles ainda não sabem ler, referem a importância de o sistema ter muita ilustração para ajudar a compreensão por parte deste grupo (Cf. Tabela 8).

Tabela 8 - Área Temática: Funcionalidades relevantes num sistema de informação na óptica do elemento e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo
Funcionalidades do elemento	Informação individualizada	“Ver progresso (provas/trilhos), ver FACEIS, editar meus trilhos, enviar meu progresso a guia/chefe; ver quadro de progresso da expedição”
	Exemplos de oportunidades educativas	“Sugestão de vários exemplos de como atingir os objectivos para que o elemento escolha ou até que possam surgir ideias para o concretizar...”
	Intuitivo	“Fácil acesso, fácil preenchimento e fácil compreensão “
	Ilustrado	“Uma abordagem simplista com vários exemplos do tipo de objectivos pretendidos, baseado em ilustrações para facilitar a percepção dos mais novos”
	Funcional	“Funcionalidade”

Relativamente à questão sobre que tipo de funcionalidades na ótica do utilizador dirigente deveria constar num sistema de informação, seis dos participantes indicam ser importante ter acesso aos dados dos elementos e dois dos participantes indicam que gostariam de ter uma visão geral do ponto de situação dos vários elementos da secção.

O acesso rápido, nomeadamente através da sua utilização em smartphones, é considerado uma mais valia para três dos participantes.

Identificadas por apenas um dos participantes foram referidas funcionalidade como: a possibilidade de se comunicar directamente com os elementos para esclarecimento de dúvidas; possibilidade de partilha de informação com outros dirigentes e a existência de ligação entre os objectivos e oportunidades educativas (Cf. Tabela 9).

Tabela 9 - Área Temática: Funcionalidades relevantes num sistema de informação na ótica do dirigente e respectivos temas e categorias

Tema	Categoria	Unidade de registo/Citação
Funcionalidade do dirigente	Acesso aos dados dos elementos	“Acesso às contas dos elementos”
	Acesso rápido	“Acesso rápido para edição de documentos”
	Ligação entre objectivos e oportunidades educativas	“Que tipo de dinâmicas podem ser utilizadas para ajudar o elemento a completar determinado objectivo”
	Intuitivo	“Fácil de preencher e dar a conhecer ao escuteiro”
	Visão geral	“Uma visão geral da secção e validação dos trilhos conforme aprovado pelo guia e sub-guia”
	Canal de comunicação directa	“Alguma comunicação com os elementos, para tirar duvidas”
	Partilha	“Registo em cpt e partilha na drive pelos vários animadores, quer do objectivo e ação proposta quer quando fica validado”

Relativamente ao tipo de dispositivo consideram que o sistema pode ser mais utilizado, nove dos participantes refere Smartphones, sete referem o computador e um considera o tablet.

3.3. Fase Inferencial

3.3.1. Objectivos

Com base na revisão de literatura e nos resultados da fase exploratória, chegou-se aos seguintes objectivos:

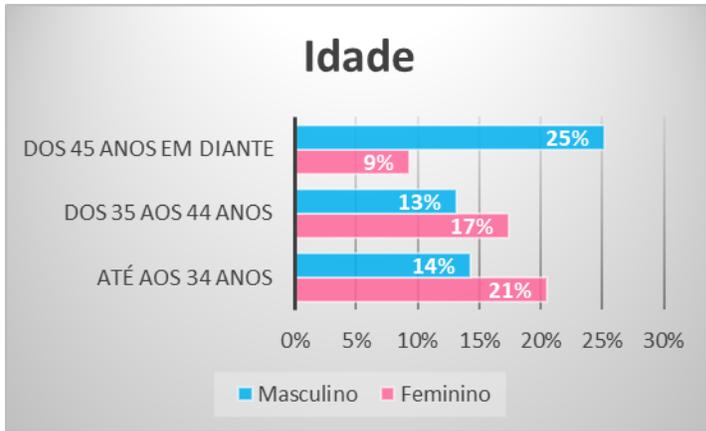
- Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo;
- Identificar quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento das actividades;
- Identificar quais as vantagens e desvantagens da utilização das TIC na dinamização do sistema de progresso;
- Identificar quais as TIC mais usadas para a organização e desenvolvimento das actividades;
- Verificar a importância das TIC e social media no apoio às actividades escutistas;
- Verificar eventuais diferenças entre as percepções relativamente à motivação para o voluntariado mediante o número de anos no CNE, e entre dirigentes e candidatos a dirigentes.

3.3.2. Método

3.3.2.1. Amostra/população

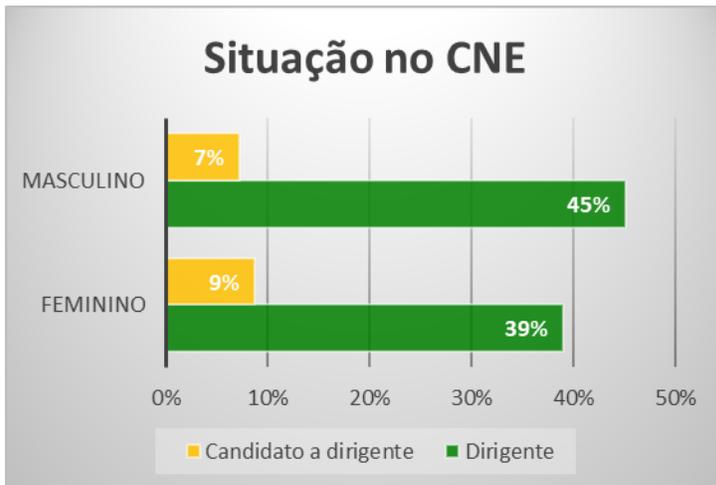
A amostra foi aleatória, com seleção dos participantes tendo por base os seguintes critérios: ser escuteiro do CNE; ser dirigente ou candidato a dirigente; participar de forma voluntária e anónima.

Participaram 264 voluntários que deram o seu contributo, dos quais 122 (47.3%) são do género feminino e 136 (52.7%) do género masculino.



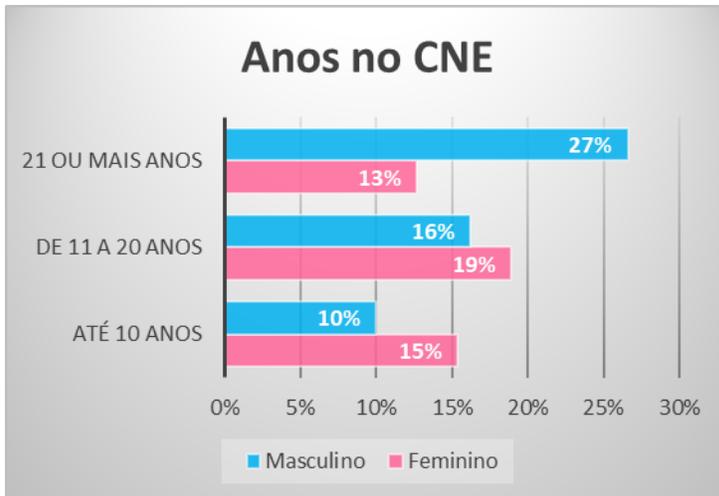
A média de idades dos inquiridos situa-se nos 40 anos, sendo que 34.9% tem até 34 anos, 30.6% situa-se entre os 35 e os 44 anos e 34.5% tem 45 ou mais anos.

Figura 1 – Idade dos Participantes



Relativamente à sua situação no CNE a grande maioria é dirigente (84.10%) e apenas 15.9% dos inquiridos são candidatos a dirigente.

Figura 1 – Situação no CNE



A média do total de anos no movimento situa-se nos 19 anos, sendo que 25.5% estão no movimento há no máximo 10 anos, 35.10% entre 11 e 20 anos e 39.4% dos inquiridos estão no movimento há 21 ou mais anos. Existe um indivíduo que se encontra no movimento há 50 anos.

Figura 2– Número de anos no CNE

3.3.2.2. Variáveis

Foram consideradas como variáveis dependentes as dimensões associadas aos conceitos centrais para aferir a motivação para o voluntariado no escutismo e o papel das TIC na dinâmica da vida escutista na preparação, divulgação e realização das actividades. Como variáveis independentes foram consideradas a idade (em três grupos etários: até 34 anos, dos 35 aos 44 e dos 45 em diante), anos no CNE (em três grupos: até 10 anos, de 11 a 20 anos e 21 ou mais anos) e a situação no CNE (dirigente ou candidato a dirigente).

3.3.2.3. Questionário e procedimento

O questionário foi elaborado com recurso ao sistema Qualtrics, que permite a construção do questionário, e disponibiliza um link que permite a sua divulgação pelos meios utilizados: email e redes sociais (cf. Anexo 2).

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira visava a recolha de dados demográficos como o sexo, idade, região, situação no CNE, números de anos no CNE e número de horas despendidas ao serviço do CNE; a segunda parte integrava as questões que resultaram da fase exploratória, mas incluía também uma questão (baseada na revisão de literatura) relativa

à motivação para o trabalho, cujos itens são uma adaptação feita por Gonçalves, Monteiro e Pereira (2011) do Volunteer Function Inventory (Clary e Snyder, 1998).

Foram ainda incluídas três questões a pensar em estudos futuros relacionadas com: as dificuldades com o desenvolvimento do sistema de progresso, o possível uso das TIC para apoiar o sistema de progresso; os aspectos mais e menos positivos na vida escutista.

Em cada questão, cada indicador tem associada uma escala do tipo Likert, de 1 a 5, para avaliar a utilização de sistemas, indicar concordância ou avaliar importância das afirmações¹.

3.3.2.4. *Técnicas de análise de dados*

Para a análise e tratamento de dados recorreu-se ao SPSS, através das seguintes técnicas:

- Estatística descritiva: média, desvio-padrão, frequência e percentagem de respostas;
- Análises factoriais em componentes principais (ACP) - com perda reduzida de informação, permite eliminar a redundância de alguns dados, reduzir o número de indicadores em cada questão e definir dimensões na análise.
- Análise de correlações para verificar diferentes associações entre variáveis;

3.3.3. Resultados

Nota: Ao longo da apresentação dos resultados deverá ser considerado que a média de resposta (entre 1 e 5) será sempre representada por **X** e o desvio padrão por **DP**. No caso das análises factoriais efectuadas, o índice de Kaiser-Meyer-Olkin será identificado por **KMO** e o Alfa de Cronbach por **α** .

3.3.3.1. *Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo.*

Para verificar as principais motivações para se ser voluntário ao serviço do CNE houve uma questão com recurso a 26 indicadores em que o inquirido seleccionava numa escala de 1 (nada importante) a 5 (muito importante) a importância que cada um têm na sua experiência.

¹ Todas as questões incluíam também o indicador “Outro”, para o participante poder adicionar informação livremente, contudo, verificou-se posteriormente que este não era relevante, e não foi considerado no tratamento de dados.

Verificámos que os participantes consideram que fazem voluntariado porque sentem que é importante ajudar os outros ($X= 4.75$; $DP = 0.601$), e que fazer voluntariado no CNE os faz sentir realizados ($X= 4.53$; $DP= 0.799$).

Para determinarmos as grandes dimensões da motivação para o voluntariado realizamos uma ACP com todos os itens da questão. Por ser pouco discriminativo, foi retirado o item sete “*Estou verdadeiramente preocupado(a) com o grupo específico a que dou apoio (CNE)*” e feita nova ACP com $KMO= 0.909$ e permitindo determinar 5 factores.

A primeira dimensão está relacionada com o desenvolvimento pessoal (17.11% da variância explicada, $\alpha=0.874$) que o escutismo proporciona, é representada por 8 itens, dos quais se destaca a possibilidade de explorar as suas próprias capacidades e aprender através da experiência directa.

A segunda dimensão está relacionada com o desenvolvimento profissional (14.35% da variância explicada, $\alpha=0.846$) que os indivíduos consideram que o voluntariado no escutismo contribui, é representada por cinco itens, dos quais se destaca a contribuição para o curriculum vitae e explorar opções de carreira diferentes.

A terceira dimensão diz respeito à satisfação pessoal (11.88% da variância explicada, $\alpha=0.813$) que é obtida através da prática do voluntariado, é representada por quatro itens, dos quais a sensação de bem-estar e realização.

A quarta dimensão está relacionada com a autoestima (10.56% da variância explicada, $\alpha=0.810$) na medida em que o voluntariado proporciona ferramentas que ajudam os indivíduos a gerir os seus problemas, é representada por quatro itens.

A quinta dimensão diz respeito aos laços sociais (8.26% da variância explicada, $\alpha=0.628$) que são responsáveis pelo exercício do voluntariado, mas também resultam do mesmo, é representada por quatro itens dos quais se destaca a partilha do interesse pelo serviço com o outro e o facto de elas valorizarem esse serviço.

Para confirmar a consistência de cada dimensão, foram elaborados testes de fiabilidade, para medir a consistência interna de cada uma, recorrendo ao Alfa de Cronbach (α), que varia entre 0 e 1, sendo que quanto maior a proximidade do 1 maior é a consistência interna da dimensão, mais forte é a associação entre os itens que a compõem.

Tabela 10 – ACP Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo

	Desenv. Pessoal	Desenv. Profissional	Satisfação Pessoal	Auto-estima	Laços Sociais
No voluntariado no CNE posso explorar as minhas próprias capacidades	.758	.285	.116	.130	.040
O voluntariado no CNE permite-me aprender através da experiência directa	.712	.094	.393	-.033	.192
O voluntariado no CNE permite-me ter uma nova perspectiva sobre as coisas	.692	.048	.219	.250	.104
Aprendo a lidar com diferentes pessoas	.691	.208	.301	.118	.014
Aprendo mais sobre a causa pela qual faço voluntariado	.666	.034	.086	.210	.254
O voluntariado no CNE ajuda-me a melhorar a minha capacidade de relacionamento social (com os outros)	.546	.341	.065	.365	.049
O voluntariado no CNE permite-me ter novas amizades	.525	.316	.313	.259	.100
Sinto que é importante ajudar os outros	.508	-.003	.480	-.061	.230
A experiência de voluntariado no CNE contribui para o meu curriculum vitae	.217	.803	.078	.069	.037
O voluntariado no CNE permite-me explorar opções de carreira diferentes	.140	.789	-.031	.205	.101
O voluntariado no CNE vai-me ajudar a ter sucesso na profissão que escolhi	.249	.767	.025	.074	.041
No voluntariado no CNE posso fazer novos contactos que podem ajudar no meu negócio ou carreira profissional	.133	.730	.008	.252	.079
O voluntariado no CNE dá-me acesso ao lugar onde eu gostaria de trabalhar (profissionalmente)	-.131	.622	.134	.081	.350
O voluntariado no CNE faz-me sentir bem	.238	.096	.770	.275	-.002
Fazer voluntariado no CNE faz-me sentir realizado	.170	.010	.744	.257	.191

O voluntariado no CNE faz-me sentir útil	.301	.084	.722	.288	-.033
Faço algo por uma causa que é importante para mim	.426	.003	.575	-.132	.251
O voluntariado no CNE ajuda-me a esquecer os meus problemas	.093	.133	.152	.763	.089
O voluntariado no CNE aumenta a minha autoestima	.240	.208	.233	.702	.172
Através do voluntariado no CNE sinto-me menos sozinho(a).	.170	.266	.179	.683	.218
A experiência no CNE ajuda-me a lidar com os meus próprios problemas	.433	.410	.167	.514	-.066
As pessoas com quem me relaciono partilham o interesse pelo serviço aos outros	.225	.033	.249	.002	.729
Pessoas próximas de mim valorizam muito o serviço aos outros	.332	.257	.058	.101	.602
Pessoas próximas pediram-me que fizesse voluntariado no CNE	.045	-.027	-.201	.330	.585
Os meus amigos também fazem voluntariado no CNE	.021	.274	.236	.097	.565
% Variância Explicada	17.11	14.35	11.88	10.56	8.26
% Variância Acumulada	17.11	31.47	43.34	53.91	62.17
Alfa de Cronbach (α)	.874	.846	.813	.810	.628

ACP: Matriz factorial após uma rotação varimax, com normalização Kaiser, convergente em 8 iterações

KMO = 0.909; Teste de Bartlett = 3210.497; Significância = 0.00

3.3.3.2. Identificar quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento das actividades

Das principais dificuldades na dinamização de actividades a “*motivação dos dirigentes e candidatos a dirigentes na preparação das actividades*” foi bastante considerada por parte dos participantes ($X = 3.91$; $DP = 0.935$), e de seguida a “*disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para preparar as actividades*” ($X = 3.67$; $DP = 1.032$), o que revela que as dificuldades a serem supridas dependem essencialmente do factor humano.

Para se determinar as dimensões associadas aos entraves à realização de actividades foi elaborada uma ACP para todos os itens² da questão (com índice KMO=0.829) resultando 2 factores.

A primeira dimensão está relacionada com as dificuldades técnicas (32.93% da variância explicada, $\alpha=0.862$) que são barreira à dinamização de actividades, é representada por 5 itens, dos quais se destaca a existência de meios técnicos para a realização das actividades.

A segunda dimensão prende-se com as dificuldades de carácter pessoal técnicas (28.54% da variância explicada, $\alpha=0.840$), é representada por 4 itens, com especial destaque para a disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para realizar as actividades.

Tabela 11 – ACP Principais dificuldades na dinamização de actividades

	Dificuldades técnicas	Dificuldades de carácter Pessoal
Meios técnicos para a realização das actividades	.892	.076
Meios técnicos para a preparação das actividades	.884	.103
Fundos para a realização das actividades	.687	.227
Tempo no calendário escutista para realizar actividades de secção	.673	.370
Tempo para os dirigentes e candidatos a dirigentes prepararem as actividades	.673	.405
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para realizar as actividades	.221	.885
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para preparar as actividades	.246	.880
Motivação dos dirigentes e candidatos a dirigentes na preparação das actividades	.254	.778
Iniciativa dos jovens na preparação de actividades	.406	.495
% Variância Explicada	32.93	28.54
% Variância Acumulada	32.93	61.19
Alfa de Cronbach (α)	.862	.840

ACP: Matriz factorial após uma rotação varimax, com normalização Kaiser, convergente em 8 iterações

KMO = 0.829; Teste de Bartlett = 1441.705; Significância = 0.00

² Foi retirado o item “Actividades que não se realizam por dificuldades impostas por exigências legais” por se pouco discriminativo

3.3.3.3 Identificar quais as vantagens e desvantagens da utilização das TIC na dinamização do sistema de progresso

Para identificar as principais Vantagens e desvantagens da utilização das TIC na dinamização do sistema de progresso foram colocadas três questões, nomeadamente: o contributo das TIC; os meios (digitais ou não) utilizados pelos jovens nas actividades e os meios (digitais ou não) utilizados para dar a conhecer o sistema de progresso.

Relativamente ao contributo das TIC para a dinamização do sistema de progresso os participantes consideram que são bastante facilitadores no acesso à informação sobre o sistema (X= 4.03; DP = 0.91). Mas consideram, também com alguma expressividade, que favorecem o desenvolvimento de actividades (X= 3.84; DP = 0.95)

Tabela 12 – Contributo das TIC no sistema de progresso

	Média	DP
Facilitam o acesso a informação sobre sistema de progresso	4.03	0.91
Motivam os jovens no cumprimento dos objectivos	3.44	1.04
Favorecem o desenvolvimento de actividades	3.84	0.95
Permite que os jovens sejam mais autónomos na escolha e conclusão dos objectivos	3.47	1.03
Tornam o processo de validação de trilhos em conselho de guias mais ágil	3.41	1.09
Facilitam o cumprimento do sistema de progresso	3.45	1.04

Relativamente aos meios (digitais ou não) mais utilizados para dar a conhecer o sistema de progresso verificou-se que os meios digitais não foram privilegiados, ainda que os participantes considerem que as TIC são facilitadoras do acesso à informação sobre o sistema de progresso, verifica-se que preferem a utilização do jogo (X= 4.02; DP = 1.04) para o dar a conhecer. Da análise descritiva verificou-se a existência de 5 itens com médias acima dos 3, contudo nenhum deles é uma ferramenta digital, todos são tradicionais: conversas informais (X= 3.90; DP= 0.96),

ateliers (X= 3.55; DP= 1.14), apresentações orais (X=3.54; DP= 0.99) e por fim a documentação em papel (X= 3.33; DP= 1.06).

Realizou-se uma ACP para todos os itens da questão (com índice KMO=0.83) obtendo-se 4 factores (cf. Tabela 13):

O primeiro factor engloba os *social media* utilizados para demonstrar o sistema de progresso (19.86% da variância explicada, $\alpha=0.706$) é composto por 5 itens, dos quais se destaca o Skype e Instagram que mais à frente se verificará que são pouco utilizados.

O segundo factor comporta meios síncronos (14.44% da variância explicada, $\alpha=0.678$) é composto por 3 itens dos quais o telemóvel, o email e o Whatsapp.

O terceiro factor está relacionado com a transmissão de informação através de actividades lúdicas (11.60% da variância explicada, $\alpha=0.586$), composto por 2 itens: jogos e ateliers.

O quarto factor diz respeito à comunicação presencial (11.60% da variância explicada, $\alpha=0.469$) e é composto por 3 itens: documentação em papel, apresentações orais e conversas informais.

Tabela 13 – ACP Meios utilizados para dar a conhecer o sistema de progresso

	Social media	Meios síncronos	Actividades lúdicas	Comunicação presencial
Skype	.745	.062	.092	-.182
Instagram	.743	.055	.048	-.074
Messenger	.701	.291	-.207	.165
Facebook	.641	.236	-.026	.122
Site ou blog do agrupamento	.595	.225	.071	.096
Telemóvel	.349	.771	-.084	.022
Emails	.106	.737	.034	.202
WhatsApp	.234	.692	.158	-.156
Ateliers	.064	.111	.837	.123
Jogos	.084	-.034	.760	.095
Documentação em papel	-.094	-.027	-.073	.759

Apresentações orais	.018	.218	.341	.642
Conversas informais	.106	-.014	.121	.583
% Variância Explicada	19.86	14.44	11.60	11.60
%Variância Acumulada	19.86	34.30	45.90	57.50
Alfa de Cronbach (α)	.706	.678	.586	.469

ACP: Matriz factorial após uma rotação varimax, com normalização Kaiser, convergente em 6 iterações
 KMO = 0.754; Teste de Bartlett = 671.258; Significância = 0.00

Em relação aos meios utilizados pelos jovens nas actividades, verificou-se que a ferramenta que mais se destaca é o computador (X= 3.66; DP=1.200), e em seguida o smartphone (X= 3.34; DP= 1.517) e a documentação em papel (X= 3.33; DP= 1.122). Os meios considerados com menos destaque entre os jovens, por parte dos participantes, foram o Instagram (X= 1.57; DP= 1.045) e o site ou blog do agrupamento (X= 1.59; DP= 1.012)

Foi realizada uma ACP para encontrar as dimensões dos meios utilizados pelos jovens obtendo-se 3 factores; contudo, um deles continha apenas um item “documentação em papel”, de modo que foi realizada nova ACP (KMO = 0.889) resultando 2 factores (Cf. Tabela 17):

O primeiro factor está relacionado com tecnologias de informação (29.31% da variância explicada, $\alpha=0.834$) é composto por 6 itens, dos quais se destaca o computador e o Microsoft Office.

O segundo factor está relacionado com os *social media* (24.85% da variância explicada, $\alpha=0.805$) é composto por 6 itens, dos quais se destaca o Instagram e o Messenger

Tabela 14 – ACP Meios digitais utilizados pelos jovens

	Tecnologias de informação	Social Media
Computador	.789	.146
Microsoft Office	.729	.174
Email	.717	.094
Telemóvel	.658	.454
Smartphone	.597	.419
WhatsApp	.576	.313
Instagram	.122	.778

Messenger	.240	.710
Facebook	.440	.637
Site ou blog do agrupamento	.095	.620
Google Drive	.456	.541
Tablet	.495	.499
% Variância Explicada	29.31	24.85
% Variância Acumulada	29.31	54.16
Alfa de Cronbach (α)	.834	.805

ACP: Matriz factorial após uma rotação varimax, com normalização Kaiser, convergente em 3 iterações
 KMO = 0.889; Teste de Bartlett = 1200.595; Significância = 0.00

3.3.3.4. Identificar quais as TIC mais usadas para a organização e desenvolvimento das actividades

A identificação das TIC mais usadas na organização e desenvolvimento das actividades foi feita com recurso a três questões que previam a utilização em três contextos distintos: comunicação entre dirigentes, divulgação das actividades e preparação das actividades.

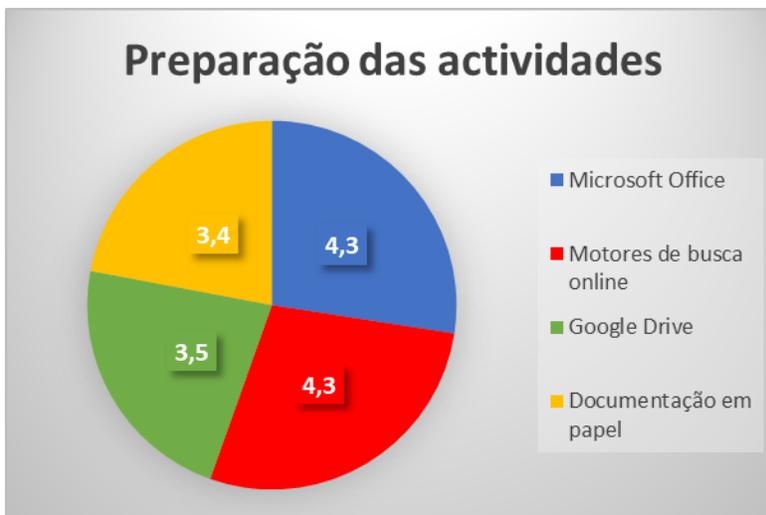
Em relação às ferramentas utilizadas para a comunicação entre dirigentes (cf. Tabela 15) verifica-se que utilizam mais frequentemente o telemóvel ($X= 4.48$; $DP= 0.799$) e do email ($X = 4.29$; $DP = 0.92$). O Instagram ($X=1.29$; $DP = 0.70$) e o Skype ($X= 1.52$; $DP=0.92$) são as ferramentas menos utilizadas (onde apenas seis e 15 inquiridos, respectivamente, utilizam bastante ou muito estas formas de comunicação).

As ferramentas mais utilizadas para divulgar as actividades tem uma utilização mais moderada em comparação com as ferramentas utilizadas para comunicação interpessoal. O Email ($X= 3.54$; $DP= 1.52$) e o telemóvel ($X= 3.41$; $DP= 1.46$) continuam a ser o meio preferencial, no entanto o Facebook ($X= 3.40$; $DP = 1.55$) é também elegido como ferramenta bastante utilizada para divulgar as actividades (cf. Tabela 15).

O Instagram ($X= 1.27$; $DP= 0.71$) e Skype ($X= 1.13$; $DP= 0.39$) continuam a ser os meios menos utilizados pelos inquiridos, em que apenas 5 pessoas usa moderadamente o Skype e 7 pessoas usam bastante ou muito o Instagram.

Tabela 15 - Análise descritiva - Ferramentas utilizadas para divulgar as actividades Vs Ferramentas utilizadas para comunicar entre dirigentes

Ferramentas	Divulgação de actividades		Comunicar entre dirigentes	
	Média	DP	Media	DP
Email	3.54	1.52	4.29	0.92
Facebook	3.40	1.55	2.97	1.33
Instagram	1.27	0.71	1.29	0.70
Messenger	2.14	1.45	2.78	1.46
Skype	1.13	0.39	1.52	0.92
Site ou blog do agrupamento	2.09	1.43	1.82	1.15
Telemóvel	3.41	1.46	4.48	0.80
WhatsApp	2.67	1.66	3.57	1.63



A generalidade das ferramentas são bastante utilizadas, contudo há que salientar a utilização de motores de busca ($X=4.33$; $DP=0.939$) e Microsoft Office ($X=4.25$; $DP=1.067$) como as mais utilizadas

Figura 3 – Ferramentas utilizadas na preparação das actividades

3.3.3.5. Verificar a importância das TIC e social media no apoio às actividades escutistas

Para verificar a importância das TIC e social media no apoio às actividades recorreu-se à questão 16 (cf. Anexo 2) onde é solicitado aos inquiridos que indiquem o grau de utilização de meios tecnológicos (ou não) nas actividades. Verifica-se que em todas as actividades referidas a média situa-se entre os 2.16 e 2.82, o que revela que os meios tecnológicos são moderadamente utilizados.

É nos Raids onde a percentagem de inquiridos, que refere utilizar bastante ou muito os meios tecnológicos, é mais expressiva com total de 28% (cf. Tabela 16). Verifica-se que a utilização frequente dos meios tecnológicos em actividade é ainda bastante reduzida.

Tabela 16 Análise descritiva – Meios tecnológicos utilizados nas actividades

	Média	DP
Raids	2.82	1.20
Acampamentos	2.66	1.13
Catequese	2.16	1.02
Conselho de guias	2.34	1.07
Reunião de bando/patrolha/equipa	2.30	1.04
Ateliers	2.69	1.16
Jogos	2.55	1.16

Tabela 17 - Análise descritiva – Percentagem de inquiridos que referem utilizar bastante ou muito os meios tecnológicos em actividades

	Bastante utilizados	Muito Utilizados	Total
Raids	18.2	9.8	28.0
Acampamentos	13.6	8.0	21.6
Catequese	7.2	1.9	9.1
Conselho de guias	9.8	3.8	13.6
Reunião de Bando/Patrolha/Equipa	9.1	2.7	11.8
Ateliers	20.8	5.3	26.1
Jogos	14.0	6.8	20.8

3.3.3.6. Verificar eventuais diferenças entre as percepções relativamente à motivação para o voluntariado mediante o número de anos no CNE, e entre dirigentes e candidatos a dirigentes

Para se verificar as percepções dos dirigentes e candidatos dirigentes com base no número de anos no CNE fez-se uma comparação de médias das respostas dadas pelas várias categorias etárias, e verifica-se que não existe diferença significativa na média de respostas dada. Independentemente do número de anos de vivência no escutismo, as dimensões mais valorizadas são o desenvolvimento pessoal e satisfação pessoal (Cf. Tabela 18)

Tabela 18 – Motivação para o voluntariado com base no número de anos no CNE

Anos_CNE		Desenvolvimento Pessoal	Desenvolvimento Profissional	Satisfação Pessoal	Autoestima	Laços Sociais
Até 10 anos	Média	4.23	2.19	4.37	3.46	3.25
	N	66	66	66	66	66
	DP	.65	.97	.65	.89	.76
De 11 a 20 anos	Média	4.38	2.65	4.56	3.39	3.36
	N	91	91	91	91	91
	DP	.63	1.01	.62	1.06	.83
21 ou mais anos	Média	4.22	2.27	4.42	3.23	3.33
	N	102	102	102	102	102
	DP	.67	.93	.69	1.00	.77
Total	Média	4.28	2.38	4.46	3.34	3.32
	N	259	259	259	259	259
	DP	.65	.99	.66	.99	.79

Considerando a situação perante o CNE, verifica-se que não existe diferença significativa na média de resposta entre dirigentes e candidatos a dirigentes. O facto de ser candidato a dirigente não influencia as suas motivações para ser voluntario no CNE, e à semelhança da análise anterior, as dimensões mais valorizadas mantêm-se - desenvolvimento pessoal e satisfação pessoal (Cf. Tabela 19).

Tabela 19 - Motivação para o voluntariado com base na situação no CNE

Situação no CNE:		Desenvolvimento Pessoal	Desenvolvimento Profissional	Satisfação Pessoal	Autoestima	Laços Sociais
Dirigente	Média	4.26	2.31	4.45	3.30	3.31
	N	222	222	222	222	222
	DP	.65	.97	.67	1.01	.77
Candidato a dirigente	Média	4.40	2.69	4.52	3.59	3.35
	N	42	42	42	42	42
	DP	.64	1.03	.59	.88	.87
Total	Média	4.28	2.37	4.46	3.34	3.32

	N	264	264	264	264	264
	DP	.65	.99	.65	.99	.78

3.3.3.7. Correlações entre as dimensões da motivação para o voluntariado e as dimensões dificuldades técnicas e dificuldades pessoais

A motivação para o desenvolvimento pessoal está muito fortemente relacionada, antes de mais, com o sentir de dificuldades pessoais mas, igualmente (através de associações fortes), com a satisfação pessoal e a autoestima; quanto maior a motivação para o desenvolvimento pessoal também, naturalmente, maior é a motivação para o desenvolvimento profissional e a criação de laços sociais; o reconhecimento e vontade de superar dificuldades técnicas não é tão forte como no caso das dificuldades pessoais.

A motivação para o desenvolvimento profissional está intimamente relacionada com dificuldades pessoais, mas também tem se verificam fortes associações com a satisfação pessoal e auto-estima dos participantes, que promove ainda a criação de laços sociais.

Quanto maior a motivação para a satisfação pessoal, maiores são as dificuldades pessoais que se apresentam, mas também a auto-estima e os laços sociais se fortalecem.

A auto-estima está fortemente correlacionada com a existência de dificuldades pessoais, contudo, maior é a motivação para a criação de laços sociais. Quanto maior motivação para criação de laços sociais, maiores são as dificuldades pessoais.

Existe correlação entre as várias dimensões da motivação para o voluntariado, e a existência de dificuldades pessoais, no entanto a correlação das várias dimensões com as dificuldades técnicas é sempre mais fraca.

Tabela 20 - Correlações entre as dimensões da motivação para o voluntariado e as dimensões dificuldades técnicas e dificuldades pessoais

		Desenv. Pessoal	Desenv. Profissional	Satisfação Pessoal	Auto-estima	Laços Sociais	Dif. Técnicas	Dif. Pessoais
Desenv. Pessoal	Correlação de Pearson	1	.449***	.651***	.601***	.445***	.170**	.711***
Desenv. Profissional	Correlação de Pearson	.449***	1	.226***	.508***	.367***	.149*	.619***
Satisfação Pessoal	Correlação de Pearson	.651***	.226***	1	.493***	.347***	.166**	.512***
Autoestima	Correlação de Pearson	.601***	.508***	.493***	1	.423***	.098*	.763***
Laços Sociais	Correlação de Pearson	.445***	.367***	.347***	.423***	1	.169**	.465***
Dif. Técnicas	Correlação de Pearson	.170**	.149*	.166**	.098*	.169**	1	.137*

*p< 0.050; **p< 0.010; ***p<0.001

3.3.4. Discussão

O presente trabalho teve como questão de investigação verificar até que ponto poderão as tecnologias de informação e comunicação (TIC) contribuir para o desenvolvimento do método escutista.

Os objectivos propostos foram verificados (cf. Secção 4.1) e serão discutidos em seguida, de acordo com os resultados obtidos, e a revisão de literatura efectuada.

Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo

Observámos que o desenvolvimento pessoal e a satisfação pessoal são o que mais motiva os voluntários no escutismo, sendo que o que é menos relevante na motivação dos participantes são as vantagens profissionais que advém do voluntariado (cf. Tabela 20, Anexo 3). O que vai de encontro ao verificado por Quaresma (2015), pois as dimensões dos valores, auto-estima e experiência são as que mais contribuem para a motivação dos voluntários, e a dimensão carreira é apresentada como a que tem menos relevância.

Identificar quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento das actividades

Foi possível concluir que, apesar de o CNE ser uma organização sem fins lucrativos, cujos recursos financeiros são limitados, dependentes de angariação de fundos e da disponibilidade financeira de cada elemento, os maiores obstáculos ao desenvolvimento das actividades são de cariz motivacional (cf. Tabela 23). Segundo Omoto e Snyder (1995) quanto maior a motivação, mais tempo será disponibilizado ao serviço do voluntariado. O que não se verifica no estudo de Quaresma (2015) onde não existe correlação entre a motivação e o número de horas despendidas, mas existe correlação entre o bem-estar dos voluntários e a sua disponibilidade ao serviço do CNE. Na presente investigação o que se verifica é que num movimento onde as actividades desempenham um papel fundamental, a motivação e disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para desenvolver as actividades são apontadas como as principais dificuldades existentes. As imposições legais foram consideradas como as que menos contribuem para dificultar o desenvolvimento das actividades.

Identificar quais as vantagens e desvantagens da utilização das TIC na dinamização do sistema de progresso

À semelhança do que foi apurado por Fragoso (2017) em contexto escolar, também no âmbito escutista as TIC são consideradas bastante úteis, na medida em que facilitam o acesso à informação sobre o sistema de progresso e favorecem o desenvolvimento das actividades. Mas, quando se trata de divulgar a informação sobre o sistema de progresso, as TIC perdem o seu poder para a realização de jogos e conversas informais.

No entanto, os jovens no decorrer das actividades estão munidos de meios tecnológicos como o computador e o smartphone, que são os mais utilizados a par da documentação em papel, e em detrimento das redes sociais que são pouco utilizadas. O que concorda com Silva (2014) que constatou que cada vez mais jovens usam o computador para estudar, apesar de, segundo Iacob (2016) são mais utilizadas para fins lúdicos, e que no momento em que estão a estudar dá-se preferência à utilização de material em papel.

Em suma, apesar de se reconhecer que existe vantagem na utilização das TIC e de as mesmas estarem muitas vezes presentes nas actividades, no momento da divulgação da informação, essa vantagem ainda não é aproveitada, dando-se primazia ao formato em papel. No caso dos jogos, faz sentido que sejam utilizados em detrimento dos meios tecnológicos uma vez que se trata de um movimento em que se aprende fazendo, virado para a actividade ao ar livre. As conversas

informais são justificadas pela importância que a relação educativa tem no método escutista, e que depende da existência de um ambiente de confiança e segurança (CNE,2010a).

Identificar quais as TIC mais usadas para a organização e desenvolvimento das actividades

Quando estão a preparar as actividades, para comunicar entre si, os dirigentes e candidatos a dirigentes utilizam com mais frequência o telemóvel, o email e o Whatsapp, meios que também utilizam para divulgar as actividades com os elementos, com a excepção do Whatsapp que dá lugar ao Facebook. Dados que se associam aos analisados por outros autores como Silva (2015), que reflete sobre o facto de mais de 70% das crianças possuir telemóvel e, Livingstone et al. (2010), que no contexto Europeu verificaram que cerca de 60% das crianças utilizam as redes sociais.

Os recursos mais utilizados para preparar as actividades são os motores de busca e o Microsoft Office em detrimento da documentação em papel - cada vez menos utilizada. O Google Drive é das que apresenta menos representatividade, contudo é uma ferramenta colaborativa de trabalho que pode rentabilizar o trabalho dos voluntários, nomeadamente pela sua característica assíncrona que permite a sua utilização em momento e local distinto (Johansen, 1988).

Verificar a importância das TIC e social media no apoio às actividades escutistas

As TIC e *social media* são utilizadas para preparar e divulgar as actividades, são consideradas vantajosas na transmissão e dinamização do sistema de progresso, ainda que pouco utilizadas. E no decorrer das actividades mais comumente realizadas?

As TIC são mais utilizadas nas actividades no exterior, Raids e acampamentos, mas também na realização de ateliers. No entanto, e analisando os números de forma geral, as TIC são muito pouco utilizadas no decorrer das actividades, pois a média de respostas (numa escala de 1 a 5) encontra-se abaixo de três. O que poderá estar relacionado com ausência de flexibilidade na forma como se seguem as diretrizes deixadas pelo fundador do movimento, pois a utilização de tecnologia em alguns momentos pode eclipsar os seus métodos. Por exemplo, se o escuteiro usar

o sistema de GPS do seu telemóvel num RAID, não poderá praticar outras técnicas de orientação, que serão muito úteis quando ficar a bateria do seu telemóvel chegar ao fim.

Verificar eventuais diferenças entre as percepções relativamente à motivação para o voluntariado, mediante o número de anos no CNE, e entre dirigentes e candidatos a dirigentes

Com o presente objectivo, pretendia-se verificar se a motivação variava em função da experiência como escuteiro, ou da situação em que o participante se encontra em relação ao CNE. E o que se constatou é que independentemente da experiência, ou do facto de ser dirigente ou se encontrar em fase de aprendizagem para o ser, as motivações para se ser voluntário são iguais – desenvolvimento e satisfação pessoal – uma vez que a média de respostas é muito semelhante. No estudo levado a cabo por Quaresma (2015), verifica-se uma ligeira diferença em relação aos candidatos a dirigentes, que no geral apresentam médias de resposta ligeiramente mais altas nas várias dimensões da motivação para o voluntariado.

Em síntese, verificou-se quais a TIC mais utilizadas em ambiente escutista, por parte dos adultos voluntários, concluindo-se que os mesmos consideram que estas podem ter um impacto facilitador. Contudo é necessário potencializar a sua utilização, tal como referem Ertmer e Ottenbreit-Leftwich (2010) é preciso descobrir e aprender como é que as tecnologias podem ser utilizadas para criar oportunidades educativas.

Capítulo 4- Conclusões

O escutismo é um movimento que está presente em todo o mundo, com todas as diferenças, que o seu exercício, em cada local acarreta. Ser escuteiro em Portugal é completamente diferente de ser escuteiro na Índia, ou no Brasil, uma vez que o contexto socio-económico é também diferente. Contudo, a essência de ser escuteiro é indiferente a qualquer contexto, se é activo na organização ou não. O escutismo é para a vida, escuteiro uma vez, sempre escuteiro!

Tudo o que é vivido e adquirido ao longo da vida escutista fica para sempre, são ferramentas que são adquiridas com garantia vitalícia, e são vários os momentos da vida em que visivelmente alguém se destaca por ser escuteiro, pelos valores que adquiriu e pela sua forma de estar e de ver a vida. É um movimento de educação não formal, visto por muitos como “os meninos das meias com pompons” que ajudam velhinhas a atravessar a estrada, mas considerado por muitos mais, como um movimento com grande importância na sociedade, e que desempenha um papel importantíssimo na educação dos futuros adultos.

E é porque se pretende que a riqueza do método escutista possa chegar a cada vez mais jovens, que a presente investigação pretende evidenciar o potencial das TIC no desenvolvimento do método escutista, agilizando o trabalho dos dirigentes e promovendo maior envolvimento dos jovens. Contribuindo, indirectamente para a melhoria de um movimento que através da educação não formal, prepara os jovens com meios, técnicas e valores importantes para o desempenho do seu papel como adultos disponíveis para servir a comunidade.

Foi possível alcançar seis grandes conclusões:

- A grande motivação para se ser voluntário no CNE é a possibilidade de desenvolvimento e satisfação pessoal.
- Ainda que o desenvolvimento e satisfação pessoal sejam as grandes motivações, é a motivação dos dirigentes e candidatos a dirigentes que se apresenta como uma das principais dificuldades à realização das actividades.
- Os participantes reconhecem a importância das TIC como facilitadores do acesso à informação e no desenvolvimento de actividades no âmbito do sistema de progresso, contudo, continuam a fazer mais uso de meios não digitais como os jogos e conversas informais.

- Os jovens utilizam com mais frequência os computadores e smartphones nas actividades, tecnologia que não está a ser rentabilizada para transmitir informação sobre o sistema de progresso.

- A comunicação entre dirigentes e candidatos a dirigentes é feita habitualmente por telemóvel, email e Whatsapp; e com os jovens é feita por telemóvel, email e Facebook, que é a rede social preferencial.

- Não foi possível observar qualquer diferença na motivação para o voluntariado entre dirigentes e candidatos a dirigentes, ou por anos de experiência como escuteiro.

Com isto foi possível responder á questão de investigação, na medida em que as TIC são utilizadas, e se reconhece a mais valia da sua utilização, contudo, pode maximizar-se a sua utilização.

Foi, igualmente possível responder aos objectivos propostos, com excepção do último, onde não se observaram diferenças de percepção com base no número de anos no activo, ou consoante a situação perante o CNE (dirigente ou candidato a dirigente). Possivelmente, devido à baixa representação dos candidatos a dirigentes face ao número de dirigentes que participaram.

Durante a investigação a maior limitação encontrada foi a inexistência de estudos que relacionem o escutismo com as TIC, de modo que os resultados obtidos são ainda mais importantes para esta área temática.

Foram recolhidos alguns dados que serão objecto de análise em trabalhos futuros., nomeadamente os que advêm das questões 12, 17 e 18 (cf. Anexo 2). As questões 12 e 17 serão úteis no sentido de um levantamento de requisitos que vise desenvolver um sistema de informação que possa agilizar a aplicação do sistema de progresso. A questão 18 ajudará a propor melhorias que possam ser aplicadas no dia-a-dia do movimento, e para promover a boa imagem do escutismo.

Sugere-se que em trabalhos futuros, se possa desenvolver sistemas de informação, que possam colmatar as dificuldades identificadas na presente investigação, colocando as TIC ao serviço do método escutista, alargando os canais de interacção.

As TIC e *social media* podem ser utilizadas para rentabilizar o tempo que os voluntários dispõem ao serviço do movimento, permitindo a preparação de trabalho em conjunto poupando a

deslocação física de cada um. Permitem aproximar o escutismo dos jovens, actuais “nativos digitais”, sem descuidar as sete maravilhas do método escutista. Facilitam o acesso à informação e permitem a criação de conteúdos didáticos e atrativos, de forma mais simples e rápida. Tornam a comunicação entre os vários actores (pais, dirigentes e jovens) mais rápida e eficiente.

Com a presente investigação foi possível verificar que a motivação para o escutismo está fortemente associada às dificuldades pessoais, que recorrendo às TIC adequadas, poderão aumentar a disponibilidade e motivação dos adultos.

Ser dirigente no movimento escutista é cada vez mais desafiante, pois além de ser um trabalho em part-time (que acresce às 40h semanais que permitem pagar algumas contas) é também uma luta para se viver com toda a oferta e estímulos que os jovens têm, e que pouco uso lhes dão quando estão, por exemplo, a fazer escalada. É preciso muito “jogo de cintura” para fazer valer a oferta pedagógica que o escutismo tem, em detrimento da oferta tecnológica. Mas acima de tudo, é preciso saber utilizar a tecnologia em prol do método escutista e torná-lo mais acessível e desejável, para que os jovens possam sentir a adrenalina de fazer uma pista de obstáculos em plena Natureza, em lugar de ficar passivamente a olhar para um ecrã, sentado a uma secretária ou no conforto de um sofá.

Bibliografia

Almeida, A., Delicado, A., Alves, N., e Carvalho, T. (2014). “Internet, children and space: Revisiting generational attributes and boundaries”. *New Media & Society*, 17 (9) p.1436 -1453

Almeida, A., Delicado, A., Alves, N. e Carvalho, T. (2012). Crianças, famílias e internet: contextos, usos e mediação. In Ana Nunes de Almeida (Ed.), *Infância. Crianças. Internet. Desafios na Era Digital* (179-215). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Alves, N. (2004). Planos de acção para a Sociedade da Informação e do Conhecimento: Mudança tecnológica e ajustamento estrutural. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 44, p. 109-133.

Akintola, O. (2011). What motivates people to volunteer? The case of volunteer AIDS caregivers in faith-based organizations in KwaZulu-Natal, South Africa. *Health Policy and Planning*, Vol. nº 26, 53-62.

Autoridade Nacional de Comunicações (2018). Governo aprova plano tecnológico em conselho de ministros. *Autoridade Nacional de Comunicações (ANACOM) Web site*. Acedido em Maio 7, 2018, em <https://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1372857>

Associação de Escoteiros de Portugal (2017). História. *Associação de Escoteiros de Portugal (AEP) Web site*. Acedido em Dezembro 27, 2017, em www.escoteiros.pt

Associação de Guias de Portugal (2017). História. *Associação de Guias de Portugal (AGP) Web site*. Acedido em Dezembro 27, 2017. em <http://www.guiasdeportugal.org/>

Baden-Powel, R. (1908) *Escutismo para Rapazes*. (Corpo Nacional de Escutas, Ed.) (1993rd ed.). Lisboa.

Bolstad, C. e Endsley, M. (2003). Tools for supporting team collaboration. In *Human Factors and Ergonomics 47th Annual Meeting*, Denver.

Boyatzis, R. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Acedido em Março 25, 2018, em https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=_rfCIWRhIKAC&oi=fnd

Braun, V. e Clark, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. Acedido em Março 26, 2018, em http://eprints.uwe.ac.uk/11735/2/thematic_analysis_revised...

Buckingham David, (2008). *Youth, identity, and digital media*. Acedido em Agosto 1, 2018, em <https://mitpress.mit.edu/books/youth-identity-and-digital-media>

Cardoso, G., Espanha, R. e Lapa, T. (2008). Dinâmica familiar e interacção em torno dos media: autonomia dos jovens, autoridade e controlo parental sobre os media em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, 13, 31-54.

Cardoso, G. e Lapa, T. (2015). Leitura digital, Internet e media sociais: uma análise comparativa in *O Livro, o leitor e a leitura digital* (324-371). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Carmo, H. e Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

Clary, E., Snyder, M., Ridge, R., Copeland, J., Stukas, A., Haugen, J., Miene, P. (1998). Understanding and Assessing the Motivations of Volunteers: A Functional Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1516-1530.

Conceição, P. e Heitor, M. (2003). Systems of innovation and competence building across diversity: Learning from the Portuguese path in the European context, in: Shavinina, L., *International Handbook on Innovation*, Elsevier Science, Department of Human Development & Applied Psychology. Toronto: University of Toronto.

Consolidação Lei n.º 7/2009 – Diário da República n.º 30/2009, Série I de 2009-02-12.

Corpo Nacional de Escutas (2018). A Partida. *Corpo Nacional de Escutas (CNE) Web site*. Acedido em Abril, 18, 2018 em <http://caminheiros-companheiros.escutismo.pt/a-partida>

Corpo Nacional de Escutas (2017). Método escutista. *Corpo Nacional de Escutas (CNE) Web site*. Acedido em Dezembro, 27, 2017, em <https://escutismo.pt/dirigentes/associacao/metodo-escutista/metodo-escutista:79>

Corpo Nacional de Escutas – Secretaria Nacional Pedagógica. (2010a). *KitRAPido*. (Corpo Nacional de Escutas - Secretaria Nacional Pedagógica, Ed.).

Corpo Nacional de Escutas – Secretaria Nacional Pedagógica. (2010b). *Programa Educativo*. (Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português, Ed.).

Courtney, J. (1990). *Robert Baden-Powell*. (lda Editora replicação, Ed.) (1ª Edição). Lisboa.

Doehme, V. (1998). *Voluntariado: equipes produtivas: como liderar ou fazer parte de uma delas*. São Paulo: Editora Mackenzie.

Dolnicar, S. (2007). What Motivates Which Volunteers? Psychographic Heterogeneity Among Volunteers in Australia. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 18 (2), 135-155.

Ertmer, P. e A. Ottenbreit-Leftwich (2010). Teacher Technology Change: How Knowledge, Confidence, Beliefs, and Culture Intersect. *Journal of Research on Technology in Education*, 42 (3), 255- 284.

Feldman, R. (2001). *Compreender a Psicologia* (5ª ed.). McGraw-Hill.

Ferreira, A. (2007). *As tecnologias de informação e comunicação (TIC) na qualificação da população activa: o papel dos canais formais e informais de aquisição e desenvolvimento de competências em TIC na qualificação da população activa* (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório da Universidade de Lisboa. URL <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1246>

Ferreira, M. (2008). As motivações no trabalho. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7 (3), 43-53.

Freeman, C. e Louçã, F. (2004). *Ciclos e Crises no Capitalismo Global - Das revoluções industriais à revolução da informação*. Porto: Edições Afrontamento.

Granja, S. (2007). *Pedagogia escutista como complemento à educação escolar* (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositorio RIA. URL <https://ria.ua.pt/handle/10773/984>

Erikson, E. (1963). *Childhood and society* (2ª ed.). New York: Norton.

Foehr, U. (2006). Media multitasking among american youth: prevalence, predictors and pairings. The Henry J. Kaiser Family Foundation. Acedido em Julho, 28, 2018 em: <http://www.kff.org/entmedia/upload/7592.pdf>.

Fragoso, M. (2017). *Entre as TIC e as crianças na Era Digital: um olhar aproximado ao seu processo de aprendizagem formal* (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório ISCTE-IUL. URL <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15295>

Franco, R. (coord.) (2015). *Diagnóstico das ONG em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian. Acedido em Agosto, 3, 2018 em https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2017/08/29195743/PCA_DiagnosticoONGPortugal2015.pdf.

Gee, J. (2003). What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy. History's future Web site. Acedido em Julho, 25, 2018 em <https://historysfuture.files.wordpress.com/2013/09/gee-what-video-games-3pp.pdf>.

Greenfield, P., Kaveri, S. (1994). Effects of Game Practice on Spatial Skills in Girls and Boys, *Journal of Applied Developmental Psychology*, 15, 13-32.

Göransson, E. (2013). *It's not just about tents and campfires An example of how a non-governmental organization empowers young people to become good citizens making a positive change in their communities as well as in the world*. Bachelor's theses, Lund University, Sweden.

Iacob, I. (2016). *Perceções das crianças sobre as novas tecnologias na aprendizagem* (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório ISCTE-IUL. URL <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12820>

Instituto Nacional de Estatística. (2018) Acedido em Maio, 28, 2018 em <https://www.ine.pt>

International Labour Organization. (2008). Manual on the Measurement of Volunteer Work. International Labour Organization (ILO) Web site. Acedido em Abril, 18, 2018, em https://www.ilo.org/global/publications/ilo-bookstore/order-online/books/WCMS_167639/lang-en/index.htm.

Jacob, L. (2006). Curso de Gestão do Voluntariado. *Caderno Socialgest*, 1, 1-21.

Johansen, R. (1988). *Groupware. Computer Support for Business Team*. New York and London: The Free Press.

Kaplan, A. e Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. *Business horizons*, 53 (1), 59-68.

Livingstone, S. (2002). *Young people and new media: childhood and the changing media environment*. London: Sage.

Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., e Ólafsson, K. (2010). Risks and safety for children on the internet: the UK report. Acedido em Agosto, 10, 2018 em [http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20II%20\(2009-11\)/National%20reports/UKReport.pdf](http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20II%20(2009-11)/National%20reports/UKReport.pdf).

Mante-Meijer, E. e Pires, D. (2002). El uso de la mensajería móvil por los jóvenes en Holanda, *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 47-58.

Martins, S. (2012). *Iniciação & Abandono da uma Prática Voluntária: As Motivações Envolvidas* (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório ISPA. URL <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2602/1/14547.pdf>

Marques, M. (2016). *As motivações para o voluntariado. Estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior politécnico* (Dissertação de Mestrado). Disponível RCAAP. URL <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/14831>

Mourato, A. (2014). *As crianças e as competências adquiridas através dos jogos digitais* (Dissertação de Mestrado). Disponível em repositório ISCTE-IUL. URL <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9153>

Murray, T. , Clermont Y. e Binkley M. (2005). International Adult Literacy Survey. Measuring Adult Literacy and Life Skills: New Frameworks for Assessment. Statistics Canada. Ottawa. Nogueira- Martins, M. B. (2010). Humanização e Voluntariado: estudo qualitativo em hospitais públicos. *Revista Saúde Pública*, 44. Acedido em Abril, 18, 2018, em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010005000032>

Obar, J., & Wildman, S. (2015). Social Media definition and the governance challenge: An introduction to the special issue. *Telecommunications policy*, 39, 745-750.

Organisation for Economic Co-operation and Development (2018). Acedido em Maio, 27, 2018 em <http://www.oecd.org>.

Oliveira, A. (2008) *Ilusões na idade das emoções: representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Oliveira, A. e Dias, R. (2014). Entre a Tentação e a Educação - Crescendo com os Mundos Virtuais. *Biosofia*, 5, 4 - 9.

Oliveira, J. (2005). *Desenvolvimento Psicossocial e Estilos de Vinculação: Convergência e Divergência de Percepções de Satisfação na Família*. Porto: Universidade do Porto.

Omoto, A. M., & Snyder, Mark (1995). Sustained Helping Without Obligation: Motivation, Longevity of Service, and Perceived Attitude Change Among AIDS Volunteers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 671-686.

Omoto, A. M., & Snyder, Mark (2010). Influences of psychological sense of community on voluntary helping and prosocial action. In Snyder, M. e Stürmer, S. *The psychology of Prosocial behavior*. United Kingdom: Blackwell, Wiley.

OMME, (1983) Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escotista. Acedido em Dezembro, 27, 2018 em http://old.plast.org.ua/files/files/users/10701/WOSM_C_English.pdf.

Patton, M. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage.

Pereira, M. e Silva, B. (2009) A relação digital dos jovens com as TIC e o factor divisão digital na aprendizagem. In *Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia: actas*. Braga, 2009 (5408-5431).

Piaget, J. (1970). Piaget's Theory. In P. Mussen, *Carmichael's manual of child psychology* (3^a ed., Vol. 1). New York: Wiley.

Pilat, D. (2004). The ICT productivity paradox: insights from micro data, *OECD Economic Studies*, 38, OECD, Paris. Acedido em Julho, 20, 2018 em https://www.researchgate.net/publication/227346493_The_ICT_Productivity_Paradox_Insights_from_Micro_Data

Pinto, M. e Pereira, S. (1999). As Crianças e os Media: Discursos, Percursos e Silêncios, em Pinto, M. e Sarmento, M. (coords.). *Saberes sobre as Crianças: Para uma Bibliografia sobre a Infância e as Crianças em Portugal (1974-1998)*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 109-124.

Pouts-Lajus, S., Vidalinc, P. e Riché-Magnier, M. (1999). *A escola na era da Internet: os desafios do multimédia na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Imigrants. Em *On The Horizon.*, 9 (5), 1-6
Acedido em Julho, 20, 2018 em
http://www.taylorprograms.com/images/Marc_Prensky_Digital_natives_1.pdf

Quaresma, D. (2015). *Influência da motivação no bem-estar dos voluntários no CNE* (Dissertação de Mestrado). Disponível em Repositório ISCTE – IUL. URL
<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/11678>

Rabello, E. (n.d.). Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Acedido em Janeiro, 2, 2018, em <http://www.josesilveira.com>.

Ritzer, G., & Jurgenson, N. (2010). Production, Consumption, Prosumption The nature of capitalism in the age of the digital 'prosumer'. *Journal of consumer culture*, 10, 13-36.

Rodrigues, M., Menezes, I., & Ferreira, P. (2015). The Organisational and educational Contexts of the Portuguese Catholic Scout Association: their Impact on Youth Participation. *Italian Journal of Sociology of Education*, 148-175.

Sampaio, D. (1991) *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho.

Sampaio, D. (1993) *Vozes e Ruidos*. Lisboa: Caminho.

Sampaio, D. (2002) *Ninguém morre sozinho*. (12.^a ed, revista e actualizada) Lisboa: Caminho.

Sardinha, B. e Cunha, O. (2013) *O valor económico do voluntariado no CNE – Corpo Nacional de Escutas*. Socius – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações.

Sarmento, M. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade, In Sarmento, M. e Cerisara, A. *Crianças e miúdos – Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*, (9-34) Porto: Asa.

Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J. e Azevedo, C. (2014). Crianças e meios digitais móveis em Portugal: resultados nacionais do projeto net children go mobile. *Lisboa: CESNOVA e FCT*. Acedido Julho, 20, 2018, em
https://netchildrengomobile.files.wordpress.com/2015/02/ncgm_pt_relatorio1.pdf

Silva, T. (2014). *A Infância em Rede: Media e quadros de existência infantis na Sociedade em Rede* (Tese de Doutoramento). Disponível em Repositório ISCTE- IUL. URL <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12331/1/>

Soete, L. (2000). A Europa e as políticas tecnológicas nacionais: Novos desafios. Em busca de uma sociedade europeia do conhecimento. *Debates Presidência da República: Sociedade, Tecnologia e Inovação Empresarial* (141-178). Lisboa: INCM.

Steinitz, L. (2003). When spider webs unite: The work of volunteers in providing. *Journal of HIV/AIDS & Social Services*, 2, 45-65.

The girl guiding association. (2017). Girl Guiding. Acedido em Dezembro, 26, 2017, em <https://www.girlguiding.org.uk/>.

The Scout Association of UK. (2017). Scouts. Acedido em Dezembro, 26, 2017, em <http://scouts.org.uk>.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

United Nations. (2003). *Handbook on Non-Profit Institutions*. New York: United Nations. Acedido em Fevereiro, 2, 2018, em https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesf/seriesf_91e.pdf.

Vaz, A. (2016). *Game-móvel: Da Comunicação ao Entretenimento As representações e os usos do telemóvel pelas crianças entre os 8 e os 11 anos* (Dissertação de mestrado). Disponível em Repositório ISCTE- IUL. URL <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12812>

Verissimo, R. (2002). *Desenvolvimento Psicossocial (Erik Erikson)*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto.

Vicente, A. (2004). A Introdução do Escutismo em Portugal. *Lusitania Sacra*, 2(16), 203–245.

Vigotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher mental processes*. Cambridge: MA: Harvard University Press.

Wallis, C. (2006). The Multitasking Generation: they're e-mailing, IMing and downloading while writing the history essay. What is all that digital juggling doing to kids' brains and their

family life?. *Time*, 167, 48–55. Acedido em Julho, 19, 2018 em <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1174696,00.html>

Watson-Manheim, M. B. & Belanger, F. (2002). Exploring communication-based work processes in virtual work environments. Acedido em Julho, 19, 2018, em <https://www.computer.org/csdl/proceedings/hicss/2002/1435/08/14350272b.pdf>.

WOSM (1998). *Scouting: An Educational System*. World Scout Bureau. Acedido em Agosto, 2, 2018 em https://www.scout.org.hk/article_attach/16488/Scouting_An_Educational_System.pdf

WOSM (2008). *Scouting's Gifts for Peace*. Acedido em Julho, 19, 2018, em http://www.scout.org/sites/default/files/library_files/Gifts_for_Peace_Report_0.pdf.

WOSM (2011). *Constitution of the World Scout Movement*. Acedido em Julho, 19, 2018, em from http://scout.org/sites/default/files/library_files/WOSM_Constitution_EN.pdf.

WOSM (2012). *Youth Empowerment: Preparing young people for life*. Acedido em Julho, 19, 2018, em http://www.scout.org/sites/default/files/library_files/WSB-ERO-ESDYE%20%281%29.pdf.

Apêndices

Apêndice 1 – Questionário Aberto



Mestrado em Gestão de Sistemas de Informação

O presente estudo insere-se em um projecto de dissertação de Mestrado em Gestão de sistemas de informação, que visa averiguar o papel das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e das *social media* na aplicação do sistema de progresso no Corpo Nacional de Escutas, de modo a tentar encontrar formas que contribuam para o desenvolvimento do mesmo.

Neste sentido, pedimos-lhe a sua atenção para responder de forma livre e sincera às questões que se colocam de seguida. Os dados do presente questionário são para uso exclusivo da investigação e sem tratamento diferenciado, de modo que se garante a absoluta confidencialidade e anonimato dos participantes.

O tempo de preenchimento do questionário deverá rondar os 30 minutos. A sua participação é voluntária pelo que poderá desistir a qualquer momento se assim o desejar.

Agradecemos muito pela sua preciosa colaboração!

Se tiver qualquer outra questão, ou posteriormente pretender conhecer melhor o trabalho em desenvolvimento, poderá contactar-nos pelo email: aphfo@iscte-iul.pt

1ª Questão:

Quais os principais meios de comunicação que utilizam?

2ª Questão:

Quais as ferramentas que utilizam para efectuar o registo do sistema de progresso?

3ª Questão:

Quais as ferramentas mais utilizadas para dar a conhecer aos jovens o sistema de progresso?

4ª Questão:

Quais as principais limitações/dificuldades que sentem para aplicar o sistema de progresso?

5ª questão:

Em que medida consideram que as tecnologias de informação podem contribuir para atenuar essas dificuldades/limitações?

6ª Questão:

Considerando a criação de um sistema que permita dinamizar e facilitar a gestão do sistema de progresso, que tipo de informação consideram que é importante constar?

7ª Questão:

Considerando a criação de um sistema que permita dinamizar e facilitar a gestão do sistema de progresso, que funcionalidades, na ótica do utilizador elemento, deveria conter?

8ª Questão:

Considerando a criação de um sistema que permita dinamizar e facilitar a gestão do sistema de progresso, que funcionalidades, na ótica do utilizador dirigente, deveria conter?

9ª Questão:

Em que tipo de dispositivo consideram que o sistema poderá ser mais utilizado?

Tablet ___ Computador ___ Smartphone ___

Apêndice 2 – Questionário



Mestrado em Gestão de Sistemas de Informação

O presente estudo insere-se em um projecto de dissertação de Mestrado em Gestão de Sistemas de Informação, que visa averiguar o papel das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e das *social media* na aplicação do sistema de progresso no Corpo Nacional de Escutas, de modo a tentar encontrar formas que contribuam para o desenvolvimento do mesmo.

Neste sentido, pedimos-lhe a sua atenção para responder de forma sincera e tão espontânea quanto possível, às questões que em seguida colocamos, seleccionando as respostas que lhe parecerem mais adequadas tendo em conta o seu conhecimento e experiência ao serviço do CNE.

Os dados do presente questionário são para uso exclusivo da investigação e sem tratamento diferenciado, de modo que se garante a absoluta confidencialidade e anonimato dos participantes.

O tempo de preenchimento do questionário deverá rondar 15 minutos. A sua participação é voluntária pelo que poderá desistir do questionário a qualquer momento se assim o desejar.

Agradecemos muito pela sua preciosa colaboração!

Se tiver qualquer outra questão, ou posteriormente pretender conhecer melhor o trabalho em desenvolvimento, poderá contactar-nos pelo email: aphfo@iscte-iul.pt

Dados Pessoais:

1. **Sexo:** Masculino ___ Feminino ___

2. **Idade** _____

3. Região

Açores ___ Algarve ___ Aveiro ___ Beja ___ Braga ___ Bragança ___ Coimbra ___
 Évora ___ Guarda ___ Lamego ___ Leiria ___ Lisboa ___ Madeira ___ Portalegre e
 Castelo Branco ___ Porto ___ Santarém ___ Setúbal ___ Viana do Castelo ___ Vila Real ___
 Viseu ___

4. **Situação no CNE :** Dirigente ___ Candidato a dirigente ___

5. **Há quantos anos está no movimento?** _____

6. Número (aproximado) de horas semanais que dedica ao movimento

Até 4 ___ 4 a 8 ___ 8 a 12 ___ 12 ou + ___

7. Considerando que o seu trabalho no CNE é voluntário, e dada a sua vivência no mesmo, solicitamos que responda às próximas questões, identificando, em cada caso, a resposta que lhe parece mais adequada (tendo em conta que cada pergunta é avaliada numa escala de 1 a 5, entre “nada importante” e “muito importante”).

	Nada importante	Pouco Importante	Moderadamente	Bastante importante	Muito importante
O voluntariado no CNE dá-me acesso ao lugar onde eu gostaria de trabalhar (profissionalmente)	1	2	3	4	5

Os meus amigos também fazem voluntariado no CNE	1	2	3	4	5
Pessoas próximas pediram-me que fizesse voluntariado no CNE	1	2	3	4	5
Fazer voluntariado no CNE faz-me sentir realizado	1	2	3	4	5
As pessoas com quem me relaciono partilham o interesse pelo serviço aos outros	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE ajuda-me a esquecer os meus problemas	1	2	3	4	5
Estou verdadeiramente preocupado(a) com o grupo específico a que dou apoio (CNE)	1	2	3	4	5
Através do voluntariado no CNE sinto-me menos sozinho(a).	1	2	3	4	5
No voluntariado no CNE faço novos contactos que podem ajudar no meu negócio ou carreira profissional	1	2	3	4	5
Aprendo mais sobre a causa pela qual faço voluntariado	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE aumenta a minha autoestima	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE permite-me ter uma nova perspetiva sobre as coisas	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE permite-me explorar opções de carreira diferentes	1	2	3	4	5
Pessoas próximas de mim valorizam muito o serviço aos outros	1	2	3	4	5

O voluntariado no CNE permite-me aprender através da experiência directa	1	2	3	4	5
Sinto que é importante ajudar os outros	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE ajuda-me a melhorar a minha capacidade de relacionamento social (com os outros)	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE contribui para o sucesso na profissão que escolhi	1	2	3	4	5
Faço algo por uma causa que é importante para mim	1	2	3	4	5
A experiência no CNE ajuda-me a lidar com os meus próprios problemas	1	2	3	4	5
Aprendo a lidar com diferentes pessoas	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE faz-me sentir útil	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE faz-me sentir bem	1	2	3	4	5
A experiência de voluntariado no CNE contribui para o meu curriculum vitae	1	2	3	4	5
O voluntariado no CNE permite-me ter novas amizades	1	2	3	4	5
No voluntariado no CNE posso explorar as minhas próprias capacidades	1	2	3	4	5

8. Tendo em conta a dinâmica de preparação das actividades, até que ponto considera haver...

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo completamente
Tempo para os dirigentes e candidatos a dirigentes prepararem as actividades	1	2	3	4	5
Tempo no calendário escutista para realizar actividades de secção	1	2	3	4	5
Meios técnicos para a preparação das actividades	1	2	3	4	5
Meios técnicos para a realização das actividades	1	2	3	4	5
Fundos para a realização das actividades	1	2	3	4	5
Actividades que não se realizam por dificuldades impostas por exigências legais	1	2	3	4	5
Iniciativa dos jovens na preparação de actividades	1	2	3	4	5
Motivação dos dirigentes e candidatos a dirigentes na preparação das actividades	1	2	3	4	5
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para preparar as actividades	1	2	3	4	5
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para realizar as actividades	1	2	3	4	5

9. Na preparação das actividades quais as ferramentas usadas para comunicar entre dirigentes? (tendo em conta que cada pergunta é avaliada numa escala de 1 a 5, entre “não utilizo “ e “utilizo muito”).

	Não utilizo	Utilizo pouco	Utilizo moderadamente	Utilizo bastante	Utilizo muito
Email	1	2	3	4	5
Facebook	1	2	3	4	5
Instagram	1	2	3	4	5
Messenger	1	2	3	4	5
Skype	1	2	3	4	5
Site ou blog do agrupamento	1	2	3	4	5
Telemóvel	1	2	3	4	5
WhatsApp	1	2	3	4	5
Outro _____	1	2	3	4	5

10. Quais as ferramentas usadas para divulgar as actividades junto dos jovens?

	Não utilizo	Utilizo pouco	Utilizo moderadamente	Utilizo bastante	Utilizo muito
Email	1	2	3	4	5
Facebook	1	2	3	4	5
Instagram	1	2	3	4	5
Messenger	1	2	3	4	5
Skype	1	2	3	4	5
Site ou blog do agrupamento	1	2	3	4	5
Telemóvel	1	2	3	4	5
WhatsApp	1	2	3	4	5
Outro _____	1	2	3	4	5

11. Quando estão a preparar as actividades que tipos de meios (digitais ou não) utiliza?

	Não utilizo	Utilizo pouco	Utilizo moderadamente	Utilizo bastante	Utilizo muito
Microsoft Office	1	2	3	4	5
Motores de busca online	1	2	3	4	5
Google drive	1	2	3	4	5
Documentação em papel	1	2	3	4	5
Outro _____	1	2	3	4	5

12. Quando está a desenvolver o sistema de progresso, verifica que...

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo completamente
É difícil ajudar os jovens a entender os objectivos	1	2	3	4	5
Há dificuldade por parte dos dirigentes e candidatos a dirigentes em interpretar os objectivos	1	2	3	4	5
Os jovens interpretam bem os objectivos	1	2	3	4	5

Os jovens identificam bem as oportunidades educativas	1	2	3	4	5
Os dirigentes identificam facilmente as oportunidades educativas	1	2	3	4	5
Os conselhos de guias são importantes	1	2	3	4	5
Falta motivação aos jovens para cumprir os objectivos escolhidos	1	2	3	4	5
Falta tempo para realizar conselhos de guias	1	2	3	4	5
Há iniciativa dos jovens para a escolha dos objectivos	1	2	3	4	5
Os jovens percebem a importância de validar os objectivos	1	2	3	4	5

13. Considerando a existência de dificuldades na aplicação do sistema de progresso, indique em que medida, as tecnologias de informação:

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo completamente
Facilitam o acesso a informação sobre o sistema de progresso	1	2	3	4	5
Motivam os jovens no cumprimento dos objectivos	1	2	3	4	5
Favorecem o desenvolvimento de actividades	1	2	3	4	5
Facilitam o cumprimento do sistema de progresso	1	2	3	4	5

Permitem que os jovens sejam mais autónomos na escolha e conclusão dos objectivos	1	2	3	4	5
Tornam o processo de validação de trilhos em conselho de guias mais ágil	1	2	3	4	5

14. Que meios (digitais ou não) utiliza para dar a conhecer o sistema de progresso aos jovens?

	Não utilizo	Utilizo pouco	Utilizo moderadamente	Utilizo bastante	Utilizo muito
Ateliers	1	2	3	4	5
Apresentações orais	1	2	3	4	5
Conversas informais	1	2	3	4	5
Documentação em papel	1	2	3	4	5
Emails	1	2	3	4	5
Facebook	1	2	3	4	5
Instagram	1	2	3	4	5
Jogos	1	2	3	4	5
Messenger	1	2	3	4	5
Site ou blog do agrupamento	1	2	2	3	5

Skype	1	2	2	3	5
Telemóvel	1	2	3	4	5
WhatsApp	1	2	3	4	5
Outro _____	1	2	3	4	5

15. Que meios (tecnológicos ou não) os jovens usam nas actividades:

	Não utilizam	Utilizo pouco	Utilizo moderadamente	Utilizo bastante	Utilizam muito
Computador	1	2	3	4	5
Documentação em papel	1	2	3	4	5
Email	1	2	3	4	5
Facebook	1	2	3	4	5
Google Drive	1	2	3	4	5
Instagram	1	2	3	4	5
Messenger	1	2	3	4	5
Microsoft Office	1	2	3	4	5
Smartphone	1	2	2	3	5
Site ou blog do agrupamento	1	2	2	3	5

Telemóvel	1	2	3	4	5
Tablet	1	2	3	4	5
WhatsApp	1	2	3	4	5
Outro _____	1	2	3	4	5

16. Até que ponto os meios (tecnológicos ou não) são usados nas seguintes actividades:

	Discordo completamente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo completamente
Raids	1	2	3	4	5
Acampamentos	1	2	3	4	5
Catequese	1	2	3	4	5
Conselho de guias	1	2	3	4	5
Reunião de bando/patrolha/equipa	1	2	3	4	5
Ateliers	1	2	3	4	5
Jogos	1	2	3	4	5
Outro _____	1	2	3	4	5

17. Como acha que TIC podem vir a ser usadas no apoio ao sistema de progresso?

18. O que acha mais positivo e menos positivo na vida escutista?

Apêndice 3 – Análise Descritiva/ Razões e motivações para ser voluntário no escutismo

Tabela 21 – Motivações para ser voluntário no escutismo

Dimensões	Média	Desvio Padrão
Desenvolvimento Profissional	2.3667	.98804
Laços Sociais	3.3201	.78351
Autoestima	3.3438	.99187
Desenvolvimento Pessoal	4.2841	.64931
Satisfação Pessoal	4.4631	.65389

Apêndice 4 – ACP Inicial/ Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo

Tabela 22 – ACP inicial – Verificar as razões e motivações para ser voluntário no escutismo

	Desenv. Pessoal	Desenv. Profissional	Satisfação Pessoal	Autoestima	Laços Sociais
No voluntariado no CNE posso explorar as minhas próprias capacidades	.744	.292	.169	.125	.046
O voluntariado no CNE permite-me ter uma nova perspetiva sobre as coisas	.675	.056	.273	.246	.106
O voluntariado no CNE permite-me aprender através da experiência directa	.673	.106	.448	-.024	.203
Aprendo a lidar com diferentes pessoas	.663	.218	.354	.120	.020
Aprendo mais sobre a causa pela qual faço voluntariado	.659	.037	.109	.215	.267
O voluntariado no CNE ajuda-me a melhorar a minha capacidade de relacionamento social (com os outros)	.540	.346	.084	.364	.054
O voluntariado no CNE permite-me ter novas amizades	.498	.323	.315	.279	.119

A experiência de voluntariado no CNE contribui para o meu curriculum vitae	.208	.804	.087	.068	.036
O voluntariado no CNE permite-me explorar opções de carreira diferentes	.141	.788	-.050	.208	.105
O voluntariado no CNE vai-me ajudar a ter sucesso na profissão que escolhi	.243	.770	.036	.070	.040
No voluntariado no CNE posso fazer novos contactos que podem ajudar no meu negócio ou carreira profissional	.135	.728	-.005	.253	.079
O voluntariado no CNE dá-me acesso ao lugar onde eu gostaria de trabalhar (profissionalmente)	-.144	.621	.096	.094	.354
O voluntariado no CNE faz-me sentir bem	.173	.109	.751	.317	.022
Fazer voluntariado no CNE faz-me sentir realizado	.108	.024	.737	.290	.204
O voluntariado no CNE faz-me sentir útil	.243	.097	.731	.316	-.021
Faço algo por uma causa que é importante para mim	.372	.016	.618	-.116	.258

Sinto que é importante ajudar os outros	.462	.007	.492	-.032	.254
Estou verdadeiramente preocupado(a) com o grupo específico a que dou apoio (CNE)	.292	-.037	.440	-.023	-.027
O voluntariado no CNE ajuda-me a esquecer os meus problemas	.093	.133	.129	.765	.087
O voluntariado no CNE aumenta a minha autoestima	.232	.210	.224	.705	.171
Através do voluntariado no CNE sinto-me menos sozinho(a).	.163	.268	.148	.692	.223
A experiência no CNE ajuda-me a lidar com os meus próprios problemas	.424	.415	.193	.507	-.070
As pessoas com quem me relaciono partilham o interesse pelo serviço aos outros	.200	.038	.254	.012	.734
Pessoas próximas de mim valorizam muito o serviço aos outros	.324	.259	.076	.097	.600
Pessoas próximas pediram-me que fizesse voluntariado no CNE	.070	-.033	-.209	.316	.575

Os meus amigos também fazem voluntariado no CNE	-.003	.279	.228	.105	.565
---	-------	------	------	------	------

Apêndice 5 – ACP Inicial/ Dificuldades na dinamização das actividades

Tabela 23 – ACP Inicial - Principais dificuldades na dinamização de actividades

	Dificuldades técnicas	Dificuldades pessoais
Meios técnicos para a realização das actividades	.892	.076
Meios técnicos para a preparação das actividades	.884	.103
Fundos para a realização das actividades	.687	.227
Tempo no calendário escutista para realizar actividades de secção	.673	.370
Tempo para os dirigentes e candidatos a dirigentes prepararem as actividades	.673	.405
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para realizar as actividades	.221	.885
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para preparar as actividades	.246	.880
Motivação dos dirigentes e candidatos a dirigentes na preparação das actividades	.254	.778
Iniciativa dos jovens na preparação de actividades	.406	.495
Actividades que não se realizam por dificuldades impostas por exigências legais	.021	.218

Apêndice 6 – Estatística descritiva/ Dificuldades na dinamização das actividades

Tabela 24 – Estatística descritiva/ Dificuldades na dinamização das actividades

	Média	Desvio Padrão
Tempo para os dirigentes e candidatos a dirigentes prepararem as actividades	3,47	1,017
Tempo no calendário escutista para realizar actividades de secção	3,62	1,054
Meios técnicos para a preparação das actividades	3,61	1,030
Meios técnicos para a realização das actividades	3,64	1,008
Fundos para a realização das actividades	3,22	1,075
Actividades que não se realizam por dificuldades impostas por exigências legais	2,95	1,244
Iniciativa dos jovens na preparação de actividades	3,62	1,100
Motivação dos dirigentes e candidatos a dirigentes na preparação das actividades	3,91	,935
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para preparar as actividades	3,56	1,070
Disponibilidade dos dirigentes e candidatos a dirigentes para realizar as actividades	3,67	1,032

Apêndice 7 – Estatística descritiva/ Contributo da TIC para o desenvolvimento do Sistema de progresso

Tabela 25 – Estatística descritiva/ Contributo das TIC para desenvolvimento do Sistema de Progresso

	Média	Desvio Padrão
Facilitam o acesso a informação sobre sistema de progresso	4,03	,910
Motivam os jovens no cumprimento dos objectivos	3,44	1,041
Favorecem o desenvolvimento de actividades	3,84	,953
Permitem que os jovens sejam mais autónomos na escolha e conclusão dos objectivos	3,47	1,028
Tornam o processo de validação de trilhos em conselho de guias mais ágil	3,41	1,086
Facilitam o cumprimento do sistema de progresso	3,45	1,038

Apêndice 8 - Análise descritiva – Meios (digitais ou não) utilizados para dar a conhecer o Sistema de progresso aos jovens

Tabela 26 – Análise descritiva – Meios (digitais ou não) utilizados para dar a conhecer o Sistema de progresso aos jovens

	Média	Desvio Padrão
Ateliers	3,55	1,136
Apresentações orais	3,54	,998
Conversas informais	3,90	,955
Documentação em papel	3,33	1,059
Emails	2,32	1,271
Facebook	1,92	1,197
Instagram	1,21	,551
Jogos	4,02	1,042
Messenger	1,54	,976
Site ou blog do agrupamento	1,56	,951
Skype	1,12	,398
Telemóvel	1,94	1,288
WhatsApp	1,80	1,224

Apêndice 9 – ACP Inicial/ Meios (tecnológicos ou não) utilizados pelos jovens nas actividades

Tabela 27 – ACP Inicial/ Meios (tecnológicos ou não) utilizados pelos jovens nas actividades

	Meios tecnológicos	Social Media	Documentação em papel
Computador	,794	,129	-,062
Microsoft Office	,733	,167	,093
Email	,695	,135	,362
Telemóvel	,668	,434	-,084
Smartphone	,626	,374	-,277
WhatsApp	,587	,289	-,220
Tablet	,499	,497	,005
Instagram	,138	,761	-,137
Messenger	,263	,681	-,143
Site ou blog do agrupamento	,075	,674	,333
Facebook	,456	,614	-,135
Google Drive	,444	,569	,144
Documentação em papel	-,028	-,039	,840

